



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | **SAFRA 2020/21**
4º LEVANTAMENTO

JANEIRO 2021

VOLUME 8
NÚMERO

4

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

José Samuel de Miranda Melo Júnior

Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Bruno Scalon Cordeiro

Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

João José Trabulo

Diretor - Executivo Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor - Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sérgio De Zen

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Maurício Ferreira Lopes

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Candice Mello Romero Santos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes de Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Jeferson Alves de Aguiar

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo

Fernando Arthur Santos Lima

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Rafaela dos Santos Souza

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Colaboradores

Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão); Fernando Gomes da Motta (Gerpa - milho); Flávia Machado Starling Soares (Gerpa - trigo); João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão); Leonardo Amazonas (Gerpa-soja); Mozar de Araújo Salvador (Inmet); Sérgio Roberto G. S. Júnior (Geiap - arroz).

Colaboradores das superintendências

André Marques (AC); Adeildo Gomes de Santana Júnior e Bruno Barros Iales da Silva (AL); Glenda Queiroz e Thiago Augusto Maia (AM); Ednabel Lima, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro e Orfrezino Ramos (BA); Fábio Barbosa Ferraz, Elibernon Alves da Silva, José Iranildo da Silva Araújo, Luciano Gomes da Silva, Lincoln Sarli Cesar Guedes Lima, Lindeberg da Silva Magalhães, Flavio Henrique Linhares Magalhães, Francisco Antônio de Oliveira Lobato e Adriano José Rodrigues de Oliveira (CE); José Negreiros e Neodir Luiz Talini (DF); Espedito Leite Ferreira, Gerson Menezes de Magalhães, Lucas Cortes Rocha, Michel Fernandes Lima, Rogério César Barbosa, Ronaldo Elias Campos e Zirvaldo Zenid Virgolino (GO); Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento, Margareth de Cássia Oliveira Aquino, Raimundo Nonato Araújo de Melo e Rogério Prazeres da Silva (MA); José Henrique Rocha Viana de Oliveira, Warlen César Henriques Maldonado, Alessandro Lúcio Marques, Márcio Carlos Magno, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, Matheus Carneiro de Souza, Samuel Valente Ferreira, Patrícia De Oliveira Sales e Pedro Pinheiro Soares (MG); Adirson Moreno Peixoto, Edson Yui, Getúlio Moreno, Lucílio de Matos Linhares e Marcelo de Oliveira Calisto (MS); Benancil Filho, Daniel Moreira, Gabriel Heise, Ismael Júnior, Patrícia Leite, Raul Azevedo, Rodrigo Slomoszynski e Rogério Souza (MT) Alexandre Augusto Pantoja Cidon e Raimundo Nonato da Cruz Filho (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Herivelton Marculino da Silva, Rodrigo Rogerio da Silva e Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Charles Erig, Daniela Freitas, Jefferson Raspante, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça e Tito Stelmachuk (PR); Edgard Sousa Sobrinho, Hécio de Melo Freitas, Francisco Honorato de Sousa, Antônio Cleiton Vieira da Silva, Thiago Pires de Lima Miranda e Valmir Barbosa de Sousa (PI); Rafael Vagner Oliveira Machado (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcideman Pereira, Janderson Maues do Nascimento e Karina de Melo (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Luciana Dall’Agnese, Marcio Renan Weber Schorr e Iure Rabassa Martins (RS); Marcelo Siste Campos, Ricardo Agustini Paschoal e Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bonfim de Oliveira Santos Júnior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes e Flaviano Gomes dos Santos (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli e Ivan Donizetti (SP); Felipe Thomaz de Souza Carvalho e Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondonia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondonia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Emater-ce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agroecuaría do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG) , Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater/RJ) ; Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2020/21
4º LEVANTAMENTO

Copyright © 2021 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

Bernardo Nogueira Schlemper (Gepec)
Fabiano Borges de Vasconcellos (Gepec)
Fábio Silva Costa (Gefab)

Colaboradores das superintendências

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Juliana Pacheco de Almeida, Luiza Aires, Marília Yamashita e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Acervo Conab/Capa: Pixabay

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.61(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013- v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

9	RESUMO EXECUTIVO
15	INTRODUÇÃO
16	PROGNÓSTICO CLIMÁTICO
18	Condições oceânicas recentes e tendência
20	Prognóstico climático para o Brasil – Período janeiro-fevereiro e março
22	ANÁLISE DAS CULTURAS
22	ALGODÃO
29	ARROZ
41	FEIJÃO
53	MILHO
64	SOJA
78	TRIGO
81	DEMAIS CULTURAS DE VERÃO



RESUMO EXECUTIVO

Com a conclusão do plantio das culturas de primeira safra de verão, a estimativa atual para a safra de grãos 2020/21, comparativamente à temporada anterior, aponta crescimento na produção, constituindo-se em mais um recorde. O indicativo atual é de um volume total de 264,8 milhões de toneladas, incremento de 3,1% ou 7,9 milhões de toneladas em relação a 2019/20.

Para a área semeada, a expectativa é que sejam cultivados 67 milhões de hectares, ou seja, uma variação positiva de 1,6% em comparação àquela área utilizada na safra anterior. As condições climáticas, que apresentaram certa instabilidade no início do plantio de verão, em praticamente todas as regiões produtoras, seguem agora num ritmo de normalização, e a perspectiva é que os níveis de produtividade apresentem bom desempenho nesta temporada.

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1 - ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA EM 1.000 HA

Brasil	Estimativa de área plantada			Safras 2019/20 e 2020/21			
Culturas de verão	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	Dez/2020 (b)	Jan/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão	1.665,6	1.530,0	1.518,5	(0,8)	(8,8)	(11,5)	(147,1)
Amendoim total	160,5	164,0	165,1	0,7	2,9	1,1	4,6
Amendoim 1ª safra	153,3	156,8	157,9	0,7	3,0	1,1	4,6
Amendoim 2ª safra	7,2	7,2	7,2	-	-	-	-
Arroz	1.665,8	1.719,2	1.705,3	(0,8)	2,4	(13,9)	39,5
Arroz sequeiro	366,9	394,0	381,4	(3,2)	4,0	(12,6)	14,5
Arroz irrigado	1.298,9	1.325,2	1.323,9	(0,1)	1,9	(1,3)	25,0
Feijão total	2.926,7	2.928,5	2.926,2	(0,1)	-	(2,3)	(0,5)
Feijão total cores	1.280,3	1.284,4	1.280,0	(0,3)	-	(4,4)	(0,3)
Feijão total preto	338,6	335,0	337,2	0,7	(0,4)	2,2	(1,4)
Feijão total caupi	1.307,8	1.309,1	1.309,0	-	0,1	(0,1)	1,2
Feijão 1ª safra	914,5	915,7	913,4	(0,3)	(0,1)	(2,3)	(1,1)
Cores	365,9	369,4	365,0	(1,2)	(0,2)	(4,4)	(0,9)
Preto	162,4	158,8	161,0	1,4	(0,9)	2,2	(1,4)
Caupi	386,2	387,5	387,4	-	0,3	(0,1)	1,2
Feijão 2ª safra	1.424,0	1.424,0	1.424,0	-	-	-	-
Cores	407,1	407,1	407,1	-	-	-	-
Preto	159,6	159,6	159,6	-	-	-	-
Caupi	857,3	857,3	857,3	-	-	-	-
Feijão 3ª safra	588,8	588,8	588,8	-	-	-	-
Cores	507,9	507,9	507,9	-	-	-	-
Preto	16,6	16,6	16,6	-	-	-	-
Caupi	64,3	64,3	64,3	-	-	-	-
Gergelim	175,0	175,0	175,0	-	-	-	-
Girassol	47,1	47,1	47,1	-	-	-	-
Mamona	45,5	52,7	52,7	-	15,8	-	7,2
Milho total	18.527,3	18.436,9	18.463,5	0,1	(0,3)	26,6	(63,8)
Milho 1ª safra	4.235,8	4.145,4	4.172,0	0,6	(1,5)	26,6	(63,8)
Milho 2ª safra	13.755,9	13.755,9	13.755,9	-	-	-	-
Milho 3ª safra	535,6	535,6	535,6	-	-	-	-
Soja	36.949,7	38.175,8	38.192,8	-	3,4	17,0	1.243,1
Sorgo	835,2	835,2	834,0	(0,1)	(0,1)	(1,2)	(1,2)
Subtotal	62.999,0	64.064,4	64.080,2	-	1,7	15,8	1.081,2
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	Set/2020 (a)	Dez/2020 (b)	Jan/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	425,7	425,7	425,7	-	-	-	-
Canola	35,3	35,3	35,3	-	-	-	-
Centeio	4,7	4,7	4,7	-	-	-	-
Cevada	103,4	102,5	103,4	0,9	-	0,9	-
Trigo	2.341,5	2.338,8	2.341,5	0,1	-	2,7	-
Triticale	15,6	15,6	15,6	-	-	-	-
Subtotal	2.926,2	2.922,6	2.926,2	0,1	-	3,6	-
Brasil	65.925,2	66.987,0	67.006,4	-	1,6	19,4	1.081,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2021.

TABELA 2 - ESTIMATIVA DA PRODUTIVIDADE DE GRÃOS - EM KG/HA

Brasil	Estimativa da produtividade de grãos			Safras 2019/20 e 2020/21			
Produto	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	Dez/2020 (b)	Jan/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão - caroço (1)	2.625	2.539	2.541	0,1	(3,2)	2,3	(83,4)
Algodão em pluma	1.802	1.745	1.746	-	(3,1)	0,8	(56,0)
Amendoim total	3.474	3.652	3.479	(4,7)	0,1	(172,7)	4,8
Amendoim 1ª safra	3.554	3.738	3.557	(4,8)	0,1	(181,2)	2,7
Amendoim 2ª safra	1.771	1.771	1.771	-	-	-	0,3
Arroz	6.713	6.366	6.394	0,4	(4,8)	28,6	(319,3)
Arroz sequeiro	2.468	2.411	2.375	(1,5)	(3,8)	(36,4)	(93,2)
Arroz irrigado	7.913	7.541	7.552	0,1	(4,6)	10,9	(360,6)
Feijão total	1.104	1.065	1.074	0,8	(2,6)	9,0	(29,1)
Feijão total cores	1.568	1.492	1.522	2,0	(3,0)	29,7	(46,3)
Feijão total preto	1.504	1.543	1.509	(2,2)	0,3	(34,4)	4,2
Feijão total caupi	545	525	525	0,1	(3,6)	0,5	(19,7)
Feijão 1ª safra	1.209	1.156	1.185	2,5	(1,9)	29,0	(23,4)
Cores	1.664	1.539	1.643	6,8	(1,2)	104,6	(20,5)
Preto	1.927	1.825	1.749	(4,2)	(9,2)	(75,8)	(177,9)
Caupi	475	517	519	0,3	9,2	1,7	43,9
Feijão 2ª safra	874	879	879	-	0,6	-	5,3
Cores	1.398	1.443	1.443	-	3,3	-	45,5
Preto	1.155	1.359	1.359	-	17,6	-	203,2
Caupi	573	522	522	-	(8,8)	-	(50,6)
Feijão 3ª safra	1.481	1.375	1.375	-	(7,2)	-	(106,5)
Cores	1.636	1.498	1.498	-	(8,5)	-	(138,4)
Preto	725	618	618	-	(14,7)	-	(106,9)
Caupi	590	600	600	-	1,6	-	9,6
Gergelim	547	547	547	-	-	-	-
Girassol	1.590	1.666	1.659	(0,4)	4,3	(6,9)	69,1
Mamona	951	688	688	-	(27,6)	-	(262,5)
Milho total	5.533	5.564	5.541	(0,4)	0,1	(23,0)	8,2
Milho 1ª safra	6.065	5.835	5.731	(1,8)	(5,5)	(103,4)	(333,5)
Milho 2ª safra	5.456	5.580	5.580	-	2,3	-	124,8
Milho 3ª safra	3.305	3.059	3.059	-	(7,4)	-	(245,9)
Soja	3.379	3.522	3.500	(0,6)	3,6	(21,4)	121,7
Sorgo	2.991	3.111	3.111	-	4,0	(0,5)	119,6
Subtotal	3.959	4.033	4.015	(0,4)	1,4	(18,0)	56,0
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Dez/2020 (b)	Jan/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	1.987	1.989	1.987	(0,1)	-	(2,0)	-
Canola	912	912	912	-	-	-	-
Centeio	2.213	2.191	2.213	1,0	-	22,0	-
Cevada	3.621	3.559	3.621	1,7	-	62,0	-
Trigo	2.663	2.644	2.663	0,7	-	19,0	-
Triticale	2.628	2.628	2.628	-	-	-	-
Subtotal	2.576	2.559	2.576	0,7	-	17,0	-
Brasil	3.898	3.969	3.952	(0,4)	1,4	(16,7)	54,8

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2021.

TABELA 3 - ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO DE GRÃOS - EM 1.000 T

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2019/20 e 2020/21			
Produto	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	Dez/2020 (b)	Jan/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão - caroço (1)	4.371,3	3.884,6	3.858,9	(0,7)	(11,7)	(25,7)	(512,4)
Algodão em pluma	3.001,6	2.670,2	2.651,4	(0,7)	(11,7)	(18,8)	(350,2)
Amendoim total	557,5	598,9	574,4	(4,1)	3,0	(24,5)	16,9
Amendoim 1ª safra	544,8	586,1	561,6	(4,2)	3,1	(24,5)	16,8
Amendoim 2ª safra	12,7	12,8	12,8	-	0,8	-	0,1
Arroz	11.183,4	10.943,7	10.904,1	(0,4)	(2,5)	(39,6)	(279,3)
Arroz sequeiro	905,5	950,1	905,8	(4,7)	-	(44,3)	0,3
Arroz irrigado	10.277,9	9.993,6	9.998,3	-	(2,7)	4,7	(279,6)
Feijão total	3.222,1	3.120,3	3.144,2	0,8	(2,4)	23,9	(77,9)
Feijão total cores	2.008,0	1.916,6	1.948,2	1,6	(3,0)	31,6	(59,8)
Feijão total preto	509,5	516,8	508,6	(1,6)	(0,2)	(8,2)	(0,9)
Feijão total caupi	712,6	686,7	687,4	0,1	(3,5)	0,7	(25,2)
Feijão 1ª safra	1.105,6	1.058,6	1.082,6	2,3	(2,1)	24,0	(23,0)
Cores	609,0	568,3	599,9	5,6	(1,5)	31,6	(9,1)
Preto	313,0	289,8	281,6	(2,8)	(10,0)	(8,2)	(31,4)
Caupi	183,6	200,4	201,1	0,3	9,5	0,7	17,5
Feijão 2ª safra	1.244,7	1.252,1	1.252,1	-	0,6	-	7,4
Cores	569,2	587,7	587,7	-	3,3	-	18,5
Preto	184,5	216,8	216,8	-	17,5	-	32,3
Caupi	491,1	447,8	447,8	-	(8,8)	-	(43,3)
Feijão 3ª safra	872,1	809,4	809,4	-	(7,2)	-	(62,7)
Cores	822,1	760,6	760,6	-	(7,5)	-	(61,5)
Preto	12,0	10,2	10,2	-	(15,0)	-	(1,8)
Caupi	37,9	38,5	38,5	-	1,6	-	0,6
Gergelim	95,8	95,8	95,8	-	-	-	-
Girassol	74,9	78,6	78,2	(0,5)	4,4	(0,4)	3,3
Mamona	43,3	36,2	36,2	-	(16,4)	-	(7,1)
Milho total	102.515,0	102.589,2	102.313,2	(0,3)	(0,2)	(276,0)	(201,8)
Milho 1ª safra	25.689,6	24.187,3	23.911,5	(1,1)	(6,9)	(275,8)	(1.778,1)
Milho 2ª safra	75.053,2	76.763,3	76.763,3	-	2,3	-	1.710,1
Milho 3ª safra	1.772,1	1.638,3	1.638,3	-	(7,6)	-	(133,8)
Soja	124.844,8	134.451,1	133.692,3	(0,6)	7,1	(758,8)	8.847,5
Sorgo	2.498,1	2.598,5	2.594,4	(0,2)	3,9	(4,1)	96,3
Subtotal	249.406,2	258.396,9	257.291,7	(0,4)	3,2	(1.105,2)	7.885,5
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Dez/2020 (b)	Jan/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	845,7	846,6	845,7	(0,1)	-	(0,9)	-
Canola	32,2	32,2	32,2	-	-	-	-
Centeio	10,4	10,3	10,4	1,0	-	0,1	-
Cevada	374,4	364,8	374,4	2,6	-	9,6	-
Trigo	6.234,6	6.183,0	6.234,6	0,8	-	51,6	-
Triticale	41,0	41,0	41,0	-	-	-	-
Subtotal	7.538,3	7.477,9	7.538,3	0,8	-	60,4	-
Brasil	256.944,5	265.874,8	264.830,0	(0,4)	3,1	(1.044,8)	7.885,5

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2021.

TABELA 4 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF – PRODUTOS SELECIONADOS (*)

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados(*)						Safras 2019/20 e 2020/21		
Região/uf	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3.293,2	3.366,2	2,2	3.537	3.445	(2,6)	11.649,6	11.596,5	(0,5)
RR	76,6	87,8	14,6	4.103	4.015	(2,2)	314,3	352,5	12,2
RO	602,5	626,2	3,9	3.992	3.846	(3,7)	2.405,3	2.408,4	0,1
AC	47,5	42,7	(10,1)	2.147	2.101	(2,2)	102,0	89,7	(12,1)
AM	18,7	17,1	(8,6)	2.230	2.409	8,0	41,7	41,2	(1,2)
AP	24,4	24,4	-	2.574	2.574	-	62,8	62,8	-
PA	963,4	959,0	(0,5)	2.979	2.982	0,1	2.870,1	2.860,1	(0,3)
TO	1.560,1	1.609,0	3,1	3.752	3.593	(4,2)	5.853,4	5.781,8	(1,2)
NORDESTE	8.187,7	8.294,2	1,3	2.814	2.708	(3,8)	23.038,2	22.460,8	(2,5)
MA	1.605,1	1.632,6	1,7	3.489	3.322	(4,8)	5.600,2	5.422,8	(3,2)
PI	1.535,2	1.536,9	0,1	3.282	3.086	(6,0)	5.038,5	4.743,0	(5,9)
CE	913,1	913,1	-	875	629	(28,0)	798,7	574,7	(28,0)
RN	118,3	118,3	-	538	574	6,8	63,6	67,9	6,8
PB	212,9	212,9	-	649	582	(10,3)	138,1	123,9	(10,3)
PE	465,2	465,2	-	676	575	(14,9)	314,4	267,5	(14,9)
AL	78,2	78,2	-	1.331	1.244	(6,5)	104,1	97,3	(6,5)
SE	162,5	162,5	-	5.425	5.404	(0,4)	881,5	878,1	(0,4)
BA	3.097,2	3.174,5	2,5	3.261	3.240	(0,6)	10.099,1	10.285,6	1,8
CENTRO-OESTE	28.480,6	28.873,2	1,4	4.349	4.274	(1,7)	123.866,9	123.404,1	(0,4)
MT	17.212,4	17.433,2	1,3	4.351	4.241	(2,5)	74.898,9	73.936,2	(1,3)
MS	5.029,5	5.150,0	2,4	4.085	4.130	1,1	20.548,0	21.270,2	3,5
GO	6.074,3	6.123,8	0,8	4.535	4.462	(1,6)	27.547,2	27.326,6	(0,8)
DF	164,4	166,2	1,1	5.309	5.241	(1,3)	872,8	871,1	(0,2)
SUDESTE	5.855,0	6.092,1	4,0	4.214	4.258	1,0	24.671,6	25.938,7	5,1
MG	3.492,8	3.684,2	5,5	4.401	4.353	(1,1)	15.371,3	16.037,5	4,3
ES	26,0	26,0	-	1.823	1.827	0,2	47,4	47,5	0,2
RJ	2,7	2,7	-	2.000	1.926	(3,7)	5,4	5,2	(3,7)
SP	2.333,5	2.379,2	2,0	3.963	4.139	4,5	9.247,5	9.848,5	6,5
SUL	20.108,1	20.380,7	1,4	3.666	3.995	9,0	73.718,2	81.429,9	10,5
PR	9.807,2	9.883,1	0,8	4.166	4.151	(0,3)	40.854,0	41.027,8	0,4
SC	1.287,0	1.292,2	0,4	5.075	4.840	(4,6)	6.530,9	6.253,7	(4,2)
RS	9.013,9	9.205,4	2,1	2.921	3.710	27,0	26.333,3	34.148,4	29,7
NORTE-NORDESTE	11.480,9	11.660,4	1,6	3.021	2.921	(3,3)	34.687,8	34.057,3	(1,8)
CENTRO-SUL	54.443,7	55.346,0	1,7	4.082	4.170	2,1	222.256,7	230.772,7	3,8
BRASIL	65.924,6	67.006,4	1,6	3.898	3.952	1,4	256.944,5	264.830,0	3,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2021.



INTRODUÇÃO

Seguindo o calendário de divulgações, a Conab apresenta o quarto levantamento da safra 2020/21, com informações atualizadas da safra de verão em relação à área plantada, à produtividade média e à produção. Além disso, confirma as informações das culturas da safra de inverno 2020 (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), após a finalização de suas respectivas colheitas.

Como parte do aprimoramento dos levantamentos e análises dos dados de safra, desde novembro de 2020, a Conab passou a divulgar, semanalmente, o progresso de safra das principais culturas (<https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/progresso-de-safra>), mantendo-se como referência na produção de estatísticas para o agronegócio brasileiro.

O levantamento é fruto do trabalho realizado por cerca de 80 técnicos das superintendências regionais, distribuídas em todas as Unidades da Federação. Neste momento, além da pesquisa subjetiva, é utilizado métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, bem como outras informações que complementam os métodos citados.



PROGNÓSTICO CLIMÁTICO¹

O último mês de 2020 foi marcado por forte contraste na distribuição espacial das chuvas. Houve excesso em algumas áreas enquanto outras apresentaram deficit hídrico por falta de precipitação pluviométrica.

No Centro-Oeste, os volumes de dezembro foram significativamente superiores aos do mês anterior, contudo ainda houve irregularidade acentuada na precipitação em toda a região. No Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, os totais variaram entre 70 mm e 330 mm. Em Goiás e no Distrito Federal, as chuvas ficaram na faixa entre 80 mm e 300 mm.

No Sudeste, os contrastes na distribuição das chuvas foram ainda mais acentuados. Os menores volumes ocorreram nas mesorregiões mineiras Norte de Minas, Jequitinhonha e Vale do Mucuri, com totais entre 30 mm e 90 mm, e norte do Espírito Santo, com totais na faixa entre 50 mm e 100 mm. Nas demais regiões de Minas Gerais, sul do Espírito Santo, Rio de Janeiro e em São Paulo, os totais ficaram na faixa entre 130 mm e 450 mm.

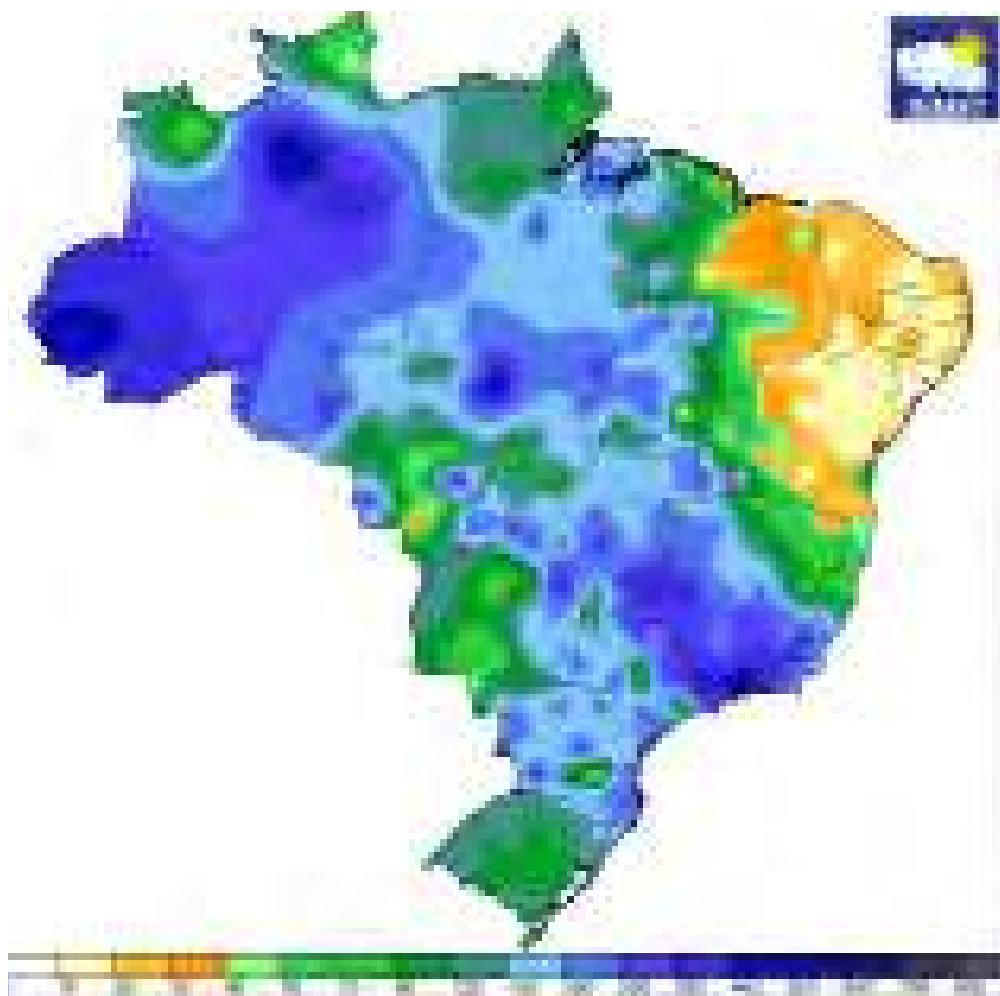
Na Região Sul, os totais de chuva em Santa Catarina e no Paraná ficaram

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet - Brasília.

próximos ou acima da média em diversas localidades, com volumes entre 90 mm e 230 mm. Contudo, no Rio Grande do Sul, as chuvas foram mais irregulares e resultaram em volumes mais modestos, com acumulados variando na faixa entre 40 mm e 120 mm.

No Matopiba, a precipitação acumulada ficou acima ou próxima da média histórica na maioria das localidades de Tocantins e no sul do Maranhão, com totais observados em dezembro entre 130 mm e 250 mm. No extremo-sul do Piauí e no oeste da Bahia, os totais observados ficaram entre 60 mm e 150 mm.

FIGURA 1 - MAPAS DE PRECIPITAÇÃO ACUMULADA EM DEZEMBRO/2020



Fonte: Inmet.

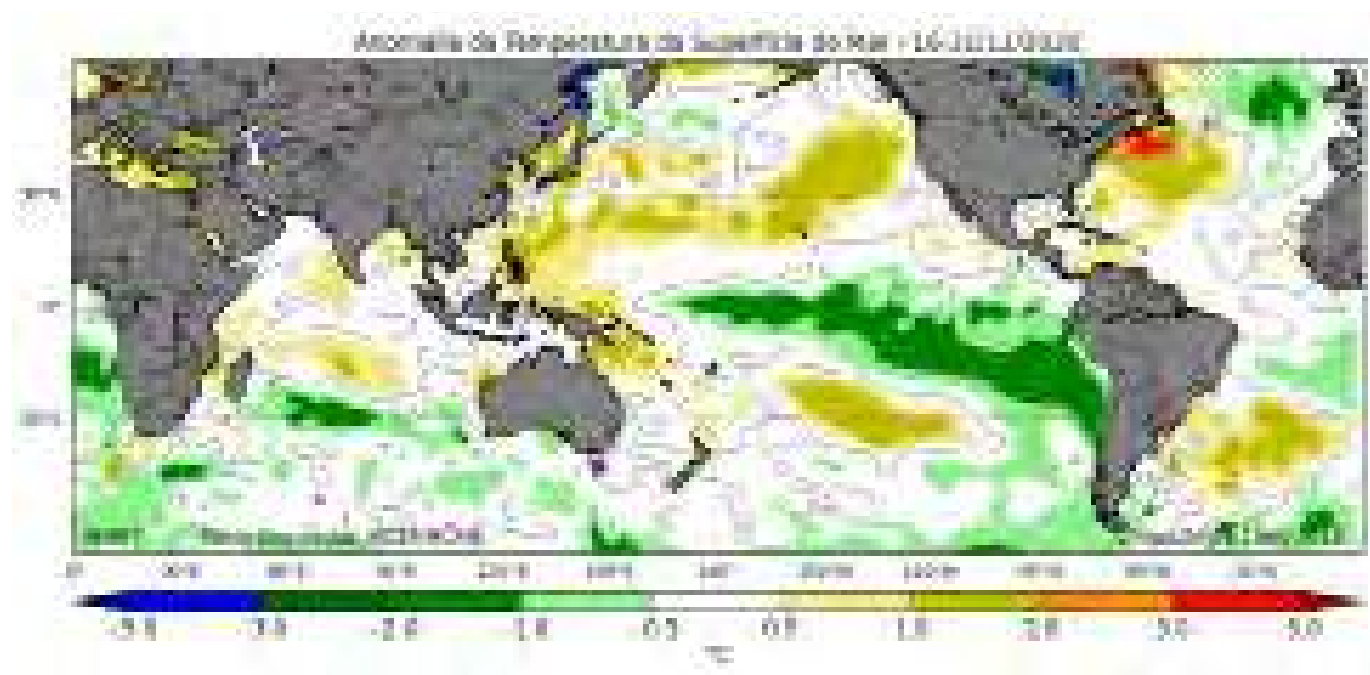
CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na segunda quinzena de dezembro de 2020, grande parte do Oceano Pacífico Equatorial manteve o padrão de La Niña dos últimos meses, com anomalias negativas abrangendo quase toda a faixa equatorial, como pode ser observado no mapa de anomalias de temperatura da superfície de mar (TSM).

Os registros diários da TSM no Oceano Pacífico Equatorial nos últimos meses mostram uma sequência de vários dias com anomalias negativas atingindo e persistindo em um patamar de desvios negativos perto de -1°C , como pode ser observado no gráfico diário de anomalia de TSM na área 3.4 de El Niño/La Niña (entre 170°W - 120°W).

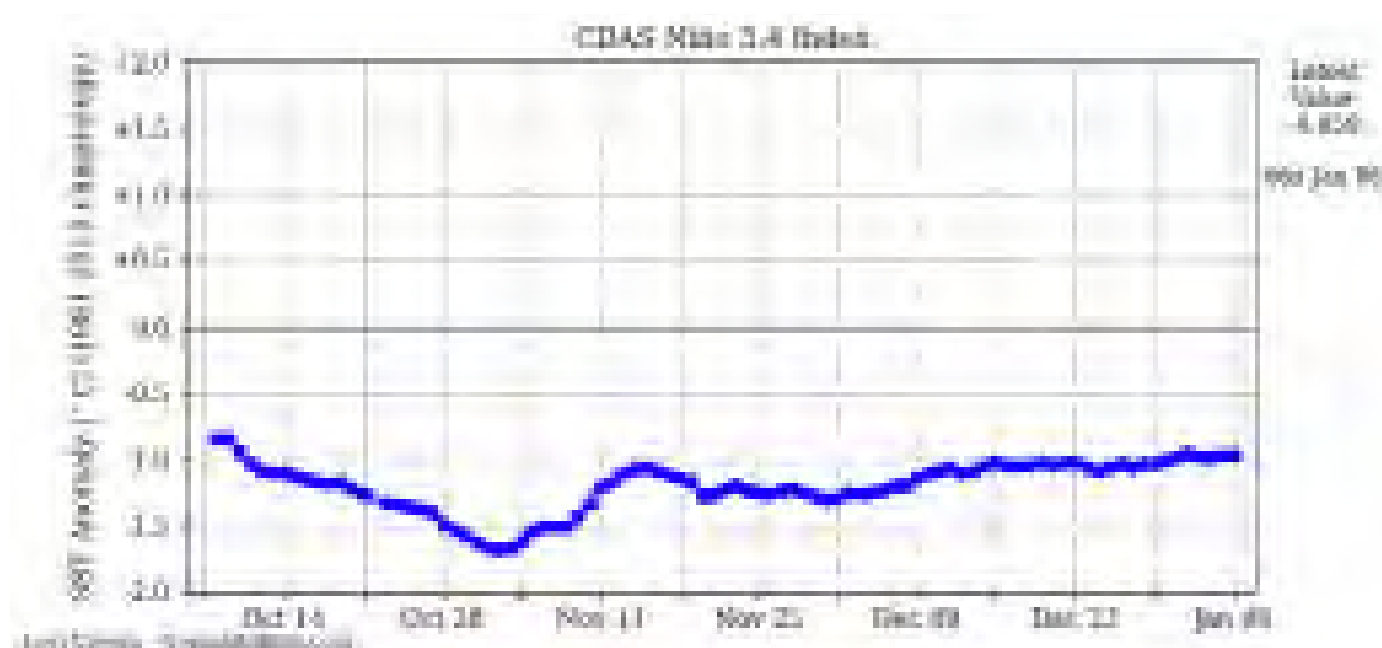
Considera-se que o Oceano Pacífico Equatorial está na fase neutra quando as anomalias médias de TSM estão entre $-0,5^{\circ}\text{C}$ e $+0,5^{\circ}\text{C}$.

FIGURA 2 - MAPA DE ANOMALIAS DA TSM NO PERÍODO DE 16 A 31/12/2020



Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

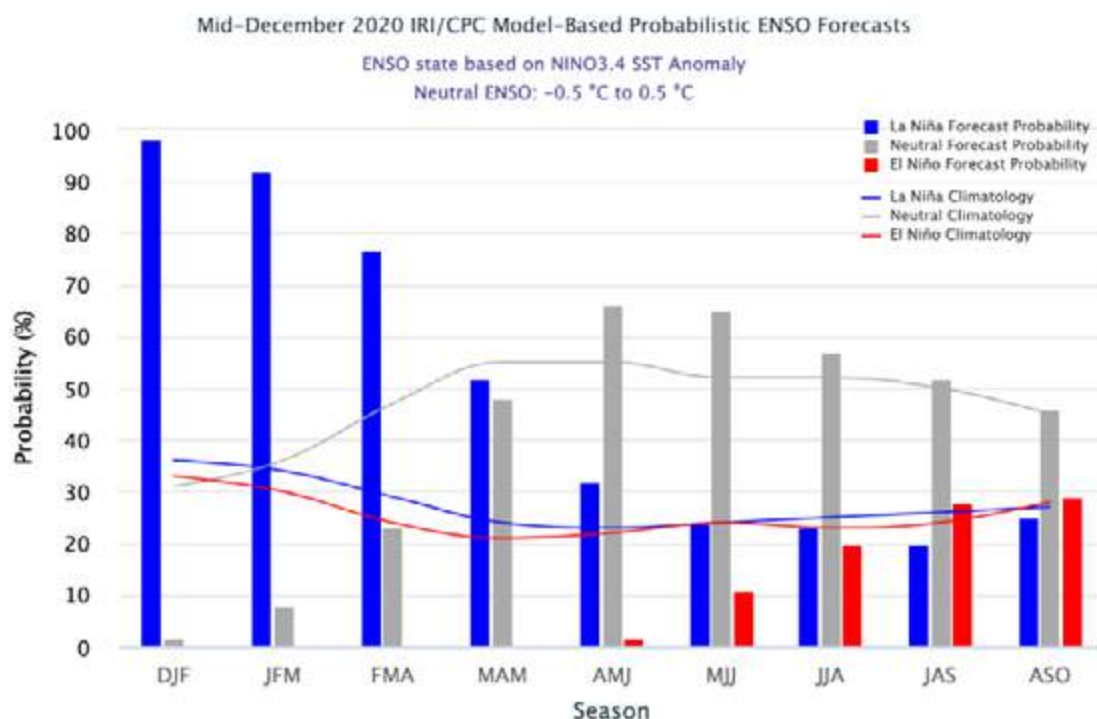
GRÁFICO 1 - MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA 3.4



Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

O Gráfico 2, com a média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña, apresenta probabilidades entre 70% e 90% de continuidade do fenômeno La Niña até o trimestre fevereiro-março-abril/2021.

GRÁFICO 2 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI.

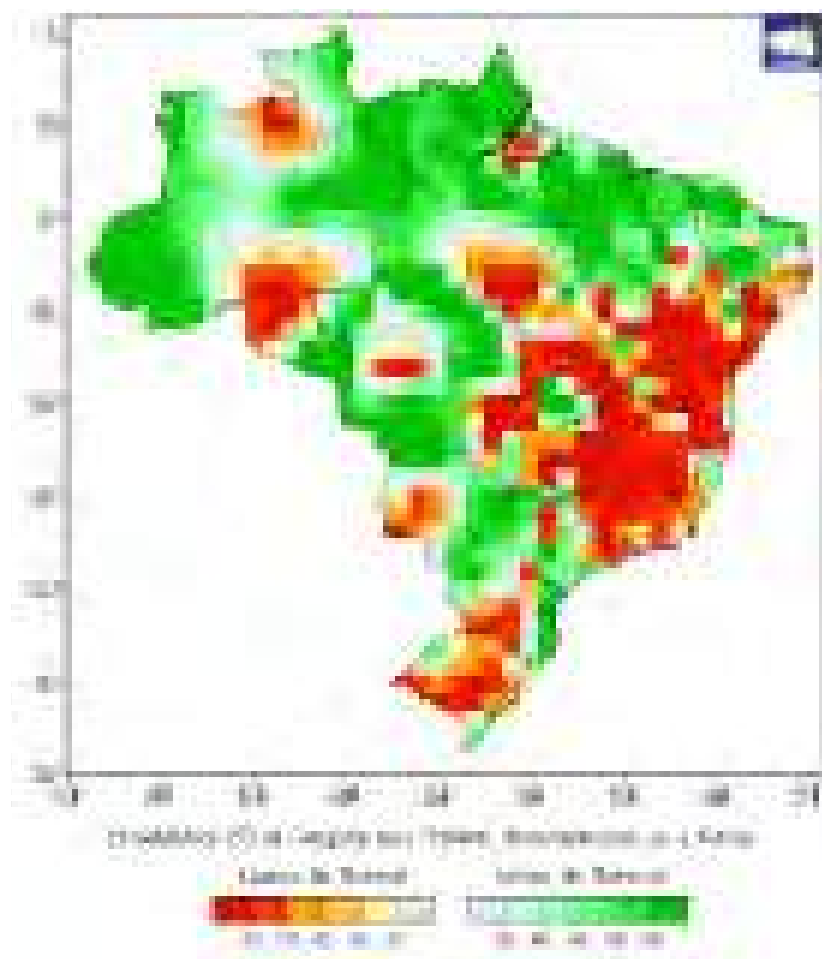
Para a Região Sul, as previsões climáticas indicam que o trimestre deve ficar com chuvas próximas ou abaixo da média climatológica no Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina. No Paraná e leste de Santa Catarina devem predominar áreas dentro da faixa normal do período ou ligeiramente acima.

Para a região do Matopiba, há uma tendência de irregularidade espacial e temporal na distribuição das chuvas. O modelo do Inmet indica uma maior probabilidade de chuvas dentro da faixa normal ou acima no norte de Tocantins, Maranhão e sudoeste do Piauí. No Oeste baiano e no leste do Piauí, as probabilidades são de chuvas na faixa normal ou abaixo da média.

As previsões climáticas indicam irregularidade espacial na distribuição das chuvas nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, com maior probabilidade de acumulado abaixo ou dentro da faixa normal do trimestral em áreas de Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Nas demais localidades dessas regiões há probabilidade de chuvas dentro da faixa normal ou acima.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do [sítio do Inmet](#).

FIGURA 3 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE JANEIRO-FEVEREIRO-MARÇO/2021



Fonte: Inmet.

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

1.518,5 mil ha
-8,8%

PRODUTIVIDADE

1.746 kg/ha
-3,1%

PRODUÇÃO

2,7 milhões t
-11,7%

Comparativo com safra anterior
Algodão em pluma
Fonte: Conab.

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 1.910,3 mil t
PRODUÇÃO 2.651,4 mil t
IMPORTAÇÕES 1 mil t
4.562,7 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 690 mil t
EXPORTAÇÕES 2.010 mil t
2.700 mil t

A produção brasileira de algodão em pluma foi recorde no período 2019/20. Preços atrativos em anos anteriores deram sustentação à produção doméstica, aliados ao interesse das vendas internacionais, atrelados ao elevado patamar do dólar. Para o período 2020/21, observa-se expressiva redução na área plantada da fibra nacional.

Estima-se 1.518,5 mil hectares, redução de 8,8% em relação ao período anterior, fruto da retração do mercado ocorrida durante a pandemia de

Covid em 2020, que provocou a paralisação das vendas, renegociação e cancelamentos de contratos firmados, que elevou os estoques mundiais de passagem e provocou menor venda da safra a ser plantada, quando comparada à safra anterior.

As condições climáticas ainda apresentam oscilações, com chuvas irregulares em algumas localidades, mas que não devem comprometer a implantação das lavouras dentro do período ideal de semeadura.

OFERTA E DEMANDA

Em 2020, o Brasil exportou cerca de 2,12 milhões de toneladas de algodão em pluma, 31,7% acima do volume de 2019, de acordo com dados do Ministério da Economia. Esse desempenho em 2020 representa um novo recorde anual das exportações brasileiras de pluma, superando pela primeira vez os 2 milhões de toneladas. De janeiro até novembro de 2020, os principais destinos do algodão exportado pelo Brasil foram China (representando 29% do total), Vietnã (17%), Paquistão (12%), Turquia (12%), Bangladesh (10%) e Indonésia (10%).

A exportação de dezembro de 2020, que representa um novo recorde mensal, ficou em 370,45 mil toneladas de pluma, o que representa um aumento de 11,2% em relação ao mês anterior e de 33,3% em relação a dezembro de 2019. Os recordes anteriores também ocorreram em 2020, com a exportação de 333,2 mil toneladas de pluma em novembro e 308,8 mil toneladas em janeiro. O Brasil se firma como um agente com capacidade de exportar algodão regularmente durante todo o ano.

Entre os fatores que influenciaram o aumento das exportações brasileiras de pluma em 2020 estão: a taxa de câmbio elevada, a ampliação da oferta na safra 2019/20, a retomada da economia após os impactos causados pela pandemia de Covid-19 e o incremento da capacidade logística, com o aumento de linhas, navios e contêineres.

A produção brasileira de algodão no ciclo 2019/20 foi estimada em 3 milhões de toneladas, alcançando um recorde na série histórica e permitindo ao Brasil ampliar a oferta do produto no mercado internacional em um cenário de taxa de câmbio elevada no país. Para a safra 2020/21, estima-se uma redução de 11,7% na produção nacional de algodão em pluma, na comparação com o ciclo anterior. Diante das estimativas de menores safras no Brasil e nos Estados Unidos e da expectativa de uma retomada integral da economia mundial com o controle da pandemia, os preços internacionais em 2021 deverão se manter firmes.

TABELA 5 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	652,4	1.562,8	2,0	2.217,2	670,0	834,3	712,9
2015/16	712,9	1.289,2	27,0	2.029,1	640,0	804,0	585,1
2016/17	585,1	1.529,5	33,6	2.148,2	685,0	834,1	629,1
2017/18	629,1	2.005,8	30,0	2.664,9	670,0	974,0	1.020,9
2018/19	1.020,9	2.778,8	1,7	3.801,4	700,0	1.613,7	1.487,7
2019/20	1.487,7	3.001,6	1,0	4.490,3	580,0	2.000,0	1.910,3
2020/21	Dez/20	1.910,3	2.670,2	1,0	4.581,5	690,0	1.881,5
	Jan/21	1.910,3	2.651,4	1,0	4.562,7	690,0	1.862,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2021.

Estoque de Passagem - Algodão: 31 de Dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL

Na Região Centro-Oeste, considerada a maior região produtora nacional, a intenção de plantio para esta safra é de 1.154,5 mil hectares, redução de 6,4% em comparação ao período anterior.

Em Mato Grosso, que participa com 95,5% deste total, o cultivo de algodão primeira safra está ocorrendo de forma regular desde o início de dezembro, quando foi encerrado o vazio sanitário em algumas regiões do estado.

As condições climáticas vêm se estabilizando, mas com vários registros de áreas antecipadas de segunda para primeira safra, tendo em vista o abandono das áreas de soja por conta do clima adverso. O cultivo da pluma no estado deve registrar recuo, com estimativa para a área de 1.103 mil hectares, queda de 5,4%, ante os 1.166 mil hectares cultivados em 2019/20.

Em Goiás, segundo maior produtor regional, ocorreu forte redução de área nesta safra, agora estimada em 27,3 mil hectares, com redução na ordem de 23,1% em relação ao período anterior. Mantêm-se ainda as produtividades previstas inicialmente devido ao plantio de verão, ocorrido em dezembro, ter sido realizado num ambiente com bom volume de chuvas.

Na Região Nordeste, a Bahia segundo maior produtor nacional, também apresenta expressiva redução na área plantada, atingindo 266 mil hectares, 15,2% de redução em relação à safra 2019/20. Essa queda é fruto da retração do mercado ocorrida durante a pandemia de Covid-19, que provocou a paralisação das vendas. Apesar do recente reaquecimento do

mercado de algodão, com o retorno das vendas e elevação nas cotações, não se vislumbra a retomada da área cultivada devido aos fatores necessários de planejamento, como a aquisição de sementes, insumo e acesso ao crédito. Os plantios iniciaram após 30 de outubro, na região centro-sul da Bahia, e em 20 de novembro, na região extremo-oeste, após o término do vazio sanitário nas respectivas regiões, e evoluem em 76% da área total destinada à cotonicultura no estado. Cerca de 40 mil hectares serão semeados entre fevereiro e março, após a colheita da soja, ambos sob manejo irrigado.

Na Região Sudeste, Minas Gerais se destaca na produção da fibra. O plantio de algodão no estado teve início em 20 de novembro, quando foi encerrado o período de vazio sanitário de 60 dias, instituídos como medida fitossanitária para prevenção e controle do bicudo, protegendo a produção mineira dos prejuízos ocasionados pela praga.

A estimativa é de redução de 8,1% na área de plantio para esta safra, em relação à anterior, atingindo 35 mil hectares. Os produtores optaram pelo plantio da soja e feijão, que exigem menor investimentos e resultados

mais imediatos, além da possibilidade de realizarem o plantio do milho segunda safra.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS GERAIS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES* DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – ALGODÃO

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						

UF	Mesorregiões	Algodão - Safra 2019/2020											
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra		S/E	DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C		
	Sul Maranhense - 2ª Safra			S	E/DV	DV	F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano	S	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	M/C	C		
	Centro Sul Baiano	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C		
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	PS	S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	PS	S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM/M	M/C	M/C	C	C		
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV	F	F/FM/M	FM/M/C	M/C	M/C	C	C		
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
GO	Leste Goiano - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Leste Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Sul Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.



Foto 1 – Plantio de algodao Extremo Oeste-BA

Fonte: Conab.



ARROZ

ÁREA

1.705,3 mil ha
+2,4%

PRODUTIVIDADE

6.394 kg/ha
-4,8%

PRODUÇÃO

10.904,1 mil t
-2,5%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 1.595,8 mil t

PRODUÇÃO 10.904,1 mil t

IMPORTAÇÕES 1.100 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 10.800 mil t

EXPORTAÇÕES 1.100 mil t

Na primeira semana de janeiro, a semeadura encerrou na Região Sul, com a normalização da precipitações, apesar da ocorrência de chuvas abaixo do normal durante todo o ano, que reduziram a capacidade das barragens

De acordo com o progresso de safras da Conab, divulgado em 4 de janeiro, o Brasil havia semeado cerca de 93% da área de arroz, um percentual ligeiramente inferior à safra passada, influenciado pelo Matopiba e Centro-Oeste. Mato Grosso, o terceiro maior produtor, semeou 70% da área até a primeira semana de janeiro.

Nessa safra, a área cultivada com arroz deverá ser de 1.705,3 mil hectares, indicando incremento de 2,4% em relação à 2019/20.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra brasileira 2020/21 de arroz será 2,5% menor que a safra 2019/20. Esse resultado é reflexo principalmente das estimativas de redução da produtividade (-5,4%), que utilizam, até o momento, apenas projeções estatísticas. Outro fator preponderante é a área, que aponta para uma menor expansão (+2,4%) do que inicialmente previsto nos modelos estatísticos.

Cabe ressaltar que a área estimada no presente trabalho foi resultado de pesquisa a campo dos nossos colaboradores das superintendências regionais. Como principais fatores da expansão aquém do previsto, apesar do atual patamar recorde de preço do arroz, destacam-se a falta de água em algumas regiões do Rio Grande do Sul e os elevados preços dos grãos que competem por área com cultura do arroz, soja e milho.

Especificamente sobre o quadro de oferta e demanda do arroz, neste quarto levantamento, houve uma revisão da periodicidade e metodologia do quadro. Sobre a janela de análise anual de cada safra, o período passou de março até fevereiro e de janeiro até dezembro.

Essa alteração busca uma maior acurácia das estimativas dos números, pois, ao se estimar o estoque de passagem em fevereiro, deve-se desconsiderar o produto novo colhido entre janeiro e fevereiro. Isto gerava dificuldade na extração de tal informação, além de poder levar a uma interpretação equivocada do quadro de suprimento, em vista que o estoque físico real, ao final de fevereiro, é sempre maior do que o publicado como estoque de passagem ao final de fevereiro. Logo, a partir desta mudança, o estoque físico real, ao final de dezembro, será igual ao publicado como estoque de passagem ao final de dezembro, pois a colheita do arroz inicia-se apenas em janeiro de cada ano.

Sobre a metodologia adotada, destaca-se que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realiza todos os anos o estoque total de arroz no país ao final de dezembro e, com isso, optou-se em utilizar este parâmetro oficial como estoque de passagem no novo quadro. É importante pontuar que a Conab realizou um estudo entre os levantamentos de estoque da Conab e IBGE com o objetivo de validar o uso de tais dados e, a partir desta análise,

ficou definido que os números do IBGE retroagiriam até o estoque final do ano de 2013. Para os anos anteriores, o parâmetro utilizado são os números de estoque da Conab estimados para dezembro de cada ano. Por último, realizou-se o ajuste das importações e exportações para o período proposto segundo os dados do ComexStat do Ministério da Economia e, com isso, com base nos dados oficiais de produção da Conab, é estimado, como fechamento do quadro, o consumo para cada ano.

Sobre os resultados do novo quadro, é importante destacar que, de forma consistente, há um incremento dos estoques de passagem, pois o saldo entre o produto colhido e o consumo, entre janeiro e fevereiro, é usualmente negativo. Como a intensificação da safra de arroz ocorre em março de cada ano, o mês que apresenta menor estoque final é o de fevereiro.

Ao se aplicar a metodologia anterior, o estoque final seria de 0,5 milhão de toneladas em fevereiro de 2021. Adicionando a este estoque final o volume projetado a ser colhido entre janeiro e fevereiro de 2021, chega-se a um estoque físico real de 1,2 milhão de tonelada ao final de fevereiro de 2021. Com a nova metodologia e periodicidade, o estoque final da safra 2019/20 de arroz é estimado em 1,6 milhão toneladas em dezembro de 2020.

TABELA 6- BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	2.304,9	12.448,6	510,0	15.263,5	11.830,5	1.311,1	2.121,9
2015/16	2.121,9	10.603,0	1.044,1	13.769,0	11.096,6	935,5	1.736,9
2016/17	1.736,9	12.327,8	1.141,7	15.206,4	12.215,7	868,8	2.121,9
2017/18	2.121,9	12.064,2	842,7	15.028,8	10.793,7	1.809,3	2.425,8
2018/19	2.425,8	10.483,6	1.012,5	13.921,9	10.544,6	1.432,3	1.945,0
2019/20	1.945,0	11.183,4	1.280,8	14.409,2	11.000,0	1.813,4	1.595,8
2020/21	1.595,8	10.904,1	1.100,0	13.599,9	10.800,0	1.100,0	1.699,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2021.

Estoque de Passagem - Arroz: 31 de Dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL

Na Região Norte, a previsão é de incremento na área plantada em comparação à safra anterior, podendo potencializar a produção, que atualmente está estimada em 1.003,3 mil toneladas (aumento de 1,1% em comparação à safra passada). Com isso, a região deverá se configurar como a segunda maior produtora nacional de arroz, tendo como maior destaque a produção de Tocantins.

Em Rondônia, o cultivo será exclusivamente de sequeiro, nos dois períodos previstos para o plantio. As primeiras estimativas apontam para uma área total cultivada de 42,5 mil hectares, com perspectiva de produção superior a 137 mil toneladas.

No Acre, mesmo com o aumento da demanda e do preço comercial do arroz, a tendência é de retração de 22,4%, com uma área cultivada em torno de 3,8 mil hectares.

Em Tocantins, a previsão inicial é de aumento na área plantada em comparação ao exercício anterior, especialmente em razão da maior valorização do grão no mercado interno/externo. Com o advento das últimas chuvas ocorridas no estado, o plantio do arroz de sequeiro já teve início, mesmo que de forma incipiente, e a previsão é que a semeadura se intensifique a partir de janeiro.

A cultura do arroz irrigado se encontra na fase de finalização de plantio, com aproximadamente 94% da área já semeada. A partir de primeiro dezembro, os produtores foram autorizados a bombear água do rio formoso, fato que deu mais otimismo aos produtores do grão, já que o regime de chuvas não vem favorecendo neste momento.

A maior parte dos produtores ainda aguarda a regularização das chuvas e aumento na umidade do solo para consolidação do plantio, que deve ocorrer a partir deste mês.

Em Roraima, o cultivo acontece em dois momentos. Uma parte das lavouras, denominada safra de verão, iniciou a semeadura ainda em outubro de 2020. Já o segundo período de plantio deve acontecer a partir de maio de 2021, com manejo irrigado por inundação. A estimativa é que, ao todo, sejam destinados cerca de 11,3 mil hectares à rizicultura nesta safra, indicando aumento de 9,7% em relação à temporada passada, motivado pelo elevado preço do arroz.

No Amazonas, o cultivo de arroz acontece basicamente para o consumo próprio, manejado em condição de sequeiro. A intenção é de cultivar 2,9 mil hectares, incremento de 20,8% em relação à safra passada.

No Pará houve pequena redução na estimativa de área plantada em relação a 2019/20, indicando destinação de 42,9 mil hectares nesta safra. Para a produção, a perspectiva é de obtenção de 102,3 mil toneladas.

Na Região Nordeste, a intenção é de aumento na área plantada em comparação ao ciclo passado. A expectativa é que sejam semeados 165,5 mil hectares, distribuídos em oito estados da região.

No Maranhão, a cultura é manejada tanto em sequeiro quanto em condição irrigada. No geral, a estimativa é de destinação de 96 mil hectares, com perspectiva inicial de produção na ordem de 165,6 mil toneladas.

Na Baixada Maranhense, região norte do estado, as lavouras de arroz irrigado foram semeadas entre julho e setembro de 2020, em uma área de

aproximadamente 2,6 mil hectares, 62,5% superior à área cultivada na safra 2019/20, onde foram plantados 1,6 mil hectares. Esse registro de aumento da área cultivada foi motivado principalmente pelo elevado preço do grão no mercado interno.

A colheita iniciada em outubro de 2020 segue avançando, com aproximadamente 80% da área total colhida. As lavouras, em sua maioria, encontram-se em boas condições, e o produto colhido tem sido de boa qualidade.

O plantio de arroz de sequeiro foi iniciado no final de novembro de 2020, em municípios no centro e norte maranhense, em sistema de cultivo de sequeiro, favorecido com uso de variedades de arroz irrigado em áreas de baixadas, mas sem irrigação controlada. Assim como em alguns municípios do oeste maranhense, como Grajaú e Santa Luzia. Até o presente momento, a semeadura alcança em torno de 15% da área plantada total do estado.

O plantio ocorrerá, principalmente, entre o final de dezembro de 2020 e início de fevereiro de 2021, na maior parte do estado.

Estima-se que a área plantada terá aumento de 5,8%, passando de 88,3 mil hectares para 93,4 mil hectares, em razão da alta lucratividade do produto. O rendimento médio esperado está em torno de 1.606 kg/ha. A colheita está prevista entre março e junho de 2021.

No Piauí, a área de arroz total deve apresentar incremento na ordem de 4,7%, atingindo cerca de 51,4 mil hectares. Esse aumento é devido principalmente ao preço atrativo do cereal. A produtividade esperada é de 1.394 kg/ha, 16,6% menor que a safra anterior.

O plantio desta cultura só deverá ter início entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021. A área de arroz no estado é predominantemente oriunda da agricultura familiar, com exceção das áreas irrigadas onde predomina a agricultura empresarial.

Em Alagoas, a cultura é manejada em condição irrigada. Nesta safra, a intenção é de manutenção de 3,1 mil hectares, com estimativa de produção acima das 20,1 mil toneladas.

Em Sergipe, o plantio de arroz está bem adiantado e deve ser concluído agora em novembro. Os elevados preços no mercado incentivaram o avanço nos plantios de arroz. Apesar dos preços mais elevados no mercado nacional e das boas condições climáticas, a estimativa atual é de manutenção da área plantada, ficando em 4 mil hectares.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, a estimativa é de incremento na área plantada em 12,4%, quando comparada à última safra, ficando em 158,6 mil hectares semeados. Quanto à produção, espera-se que sejam colhidas cerca de 602,9 mil toneladas, representando incremento de 1,5% em relação a 2019/20.

Em Mato Grosso, a semeadura do arroz atingiu 55% até o final de dezembro, com relatos de atraso, além do replantio pontual nas regiões Médio-Norte e Norte do estado decorrente da escassez de chuvas. Assim, a expectativa é que os trabalhos terminem na primeira quinzena de janeiro.

Em termos de área cultivada, a maior concorrência por espaço com a soja e clima adverso não prejudicou o incremento do cultivo do cereal, que cresceu 4,3% em âmbito estadual, saindo de 118,7 mil hectares na safra 2019/20 para 123,8 mil hectares na atual.

Os bons preços atribuídos ao arroz é o principal fator de atratividade para a cultura.

Percebeu-se que em regiões com maiores áreas de abertura e reforma de pastagem, tais como o Araguaia, registrou-se incremento na área destinada à cultura. Em contrapartida, houve recuo em menor magnitude nas regiões Norte e Médio-Norte devido ao registro de mais casos de replantio.

Em Mato Grosso do Sul, as lavouras de arroz continuam apresentando bom desenvolvimento em todas as regiões produtoras, fazendo-se necessário, porém, maior atenção com relação à ocorrência de doenças em razão do clima mais úmido, com presença de chuvas seguidas de altas temperaturas, que favorecem principalmente a ocorrência de brusone (*Pyricularia oryzae*), exigindo até três aplicações de fungicidas para completar o ciclo do cultivo sem perdas.

Com relação às pragas, a principal ocorrência tem sido o percevejo-grande-do-arroz (*Tibraca limbativentris*). Apesar dos índices de infestação estarem dentro da normalidade em relação aos anteriores e os controles apresentarem boa eficiência, o constante monitoramento se faz necessário para não perder o momento correto das aplicações.

A colheita já foi iniciada, porém de forma pontual, se concentrando especialmente na região de Miranda.

Em Goiás, a tendência inicial é de aumento na área a ser cultivada em relação ao visualizado na safra passada, alcançando em 24,2 mil hectares. O plantio deve começar a partir de 10 de novembro, podendo-se alongar até fevereiro de 2021, com um calendário de plantio em 30% em novembro, 20% em dezembro, 30% em janeiro e 20% em fevereiro.

Na Região Sudeste, a intenção é de manter a área cultivada em 10,5 mil hectares, apresentando cultivo nos quatro estados, com maior concentração de área em São Paulo.

Em São Paulo, a última safra teve uma considerável infestação de cigarrinha nas lavouras de arroz, algo que pode influenciar no manejo da cultura para esta temporada. Inicialmente, a previsão é de destinação de aproximadamente 8,3 mil hectares para a rizicultura neste ciclo, com mais de 85% dessa área sendo manejada em condição irrigada.

Em Minas Gerais, o plantio foi finalizado em dezembro, incluindo a semeadura das áreas em sequeiro e irrigadas. As áreas irrigadas são cultivadas em municípios com tradição de cultivo, com obtenção de produtividades mais elevadas. A estimativa total é de 2 mil hectares destinados ao cultivo do cereal nesta safra.

Na Região Sul, o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado, apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro. A estimativa é que a área cultivada com o arroz na região seja de 1.139,3 mil de hectares, representando aumento de 2% em relação à última safra.

No Paraná, o arroz de sequeiro é uma cultura de subsistência, em processo de constante redução de área, sem utilização de muita tecnologia e área inexpressiva. Plantio finalizado, estando as lavouras, preponderantemente, no estágio de desenvolvimento vegetativo.

Já para o arroz irrigado o plantio está finalizado. Mesmo com os bons preços do cereal, houve decréscimo de área. Existe concorrência com soja nas áreas de plantio. Devido à irrigação, as condições das lavouras estão

boas e metade delas já estão em fase reprodutiva. A expectativa é de produtividade próxima ao obtido no ano passado.

Em Santa Catarina, o plantio do arroz já está consolidado em 100% da área. Com a normalização do regime de precipitação, os produtores conseguiram terminar a semeadura em fins de novembro/início de dezembro. Também em razão da escassez de água, principalmente na região sul, uma parte dos produtores optaram pela semeadura em solo seco, em vez de usar o sistema pré-germinado; essa prática favorece o controle do estabelecimento de plantas daninhas, principalmente o capim arroz, que é controlado a seguir com herbicidas pós-emergentes seletivos.

A região Norte de Santa Catarina, que tradicionalmente semeia mais cedo em virtude da colheita da rebrota ou soca, apresenta as lavouras em estágio mais avançado de início florescimento; os produtores que plantaram em início de agosto já estão em fase de pós- florescimento/granação.

Até o momento não foram verificados problemas com doenças ou pragas, e as modalidades de crédito e custeio estão sendo ofertadas dentro da normalidade, não sendo verificada redução do nível tecnológico em razão dos custos. A área destinada ao cultivo de arroz tem sofrido redução, principalmente em razão de avanço imobiliário, visto que em algumas cidades as lavouras estão localizadas às margens de rodovias e em área urbana.

Ainda assim é muito semelhante ao observado na última safra, haja vista que o sistema de cultivo e tipo de solo não permitem, em muitos casos, substituir esta cultura por outra, entretanto, alguns produtores de arroz irrigado arriscaram plantar soja nos tabuleiros, em face dos preços atraentes, o problema é que, com o lençol freático elevado, em razão das chuvas constantes, já tem causado problemas para a cultura da soja.

De maneira geral as lavouras estão se desenvolvendo bem e em se mantendo as condições favoráveis de clima espera-se uma safra dentro da normalidade.

No Rio Grande do Sul, a semeadura do arroz foi praticamente concluída em dezembro, chegando a cerca de 96% da área prevista para a cultura. Apenas as regiões Sul e Planície Costeira Externa atingiram e ultrapassaram a área prevista no início do processo. Nas demais, a ocorrência de chuvas abaixo do normal durante todo o ano de 2020 reduziu a capacidade das barragens e, conseqüentemente, a área total semeada, sendo essa condição mais comumente verificada nas regiões Campanha, Fronteira Oeste e Central.

Embora tenha ocorrido chuvas que variaram de 120 mm a 150 mm em dezembro nas regiões em que se produz arroz no estado, elas não são suficientes pra repor o nível das barragens e o problema deve persistir no próximo mês.

Nas regiões Sul e Costeiras Interna e Externa, onde os níveis dos mananciais estão melhores, as lavouras estão com bom desenvolvimento e as práticas culturais, controle de invasoras e adubação, ocorrem dentro da normalidade, refletindo-se em lavouras com bom aspecto. Nas outras regiões verifica-se reduzida capacidade das barragens, de 50% a 70%, o que faz com que muitos produtores não mantenham uma lâmina constante de água, mas realizam a irrigação intermitente, comumente chamado de banhos, o que gera lavouras com maior incidência de plantas invasoras e maiores perdas de nutrientes, culminando em redução do potencial produtivo. Essa prática deve continuar sendo realizada até o final do ciclo da cultura, já que não há expectativa de regularização em breve.

QUADRO 2 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica						
Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Arroz - Safra 2020/2021										
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RO	Leste Rondoniense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
PA	Sudoeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
	Sudeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
TO**	Ocidental do Tocantins				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
PR**	Noroeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
SC**	Norte Catarinense	PS	S	S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Vale do Itajaí	PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C			
	Sul Catarinense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C			
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
	Sudoeste Rio-grandense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C			
	Sudeste Rio-grandense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C			

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - irrigado



FEIJÃO

ÁREA

2.926,2 mil ha
manutenção

PRODUTIVIDADE

1.074 kg/ha
-2,6%

PRODUÇÃO

3.144,2 mil t
-2,4%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 269,8 mil t
PRODUÇÃO 3.144,2 mil t
IMPORTAÇÕES 120 mil t
3.534 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 3.050 mil t
EXPORTAÇÕES 164 mil t
3.214 mil t

A cultura é considerada de ciclo curto e, por isso, apresenta uma vantagem para o produtor, que consegue adequar o seu plantio dentro de uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra cultivado entre janeiro e abril e o de terceira safra semeado de maio a julho.

Nesta temporada 2020/21, o primeiro ciclo deve destinar 913,4 mil hectares, neste primeiro ciclo, para o plantio de feijão, com uma projeção de produção na ordem de 1.082,6 mil toneladas, somando os feijões do tipo comum cores, comum preto e caupi.

Já para a produção total, incluindo as estimativas de segunda e terceira safras, a previsão é de destinação de 2.926,2 mil hectares para o cultivo da cultura (considerando o feijão-comum cores, o feijão-comum preto e o feijão-caupi), com uma produção esperada de 3.144,2 mil toneladas.

OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO-COMUM CORES

O estoque inicial para o ciclo 2020/21, apesar de pequeno, está sendo suficiente para atender a demanda interna, até o momento. Isso, porque dezembro encerrou com um significativo volume de sobras de mercadorias em vista do baixo interesse de compras. Os comerciantes passaram a adquirir apenas o necessário para honrar os seus compromissos imediatos, esperando por uma reação do mercado varejista, que tem se comportado de maneira lenta.

Assim, para complementar o abastecimento interno, neste início de ano, o mercado ficará na dependência da produção paranaense, estado que concentra a sua colheita (primeira safra) em janeiro.

A Região Sul passou por vários momentos preocupantes com o clima, com estiagens no início do plantio e agora excesso de chuvas no processo de colheita.

Doravante, a oferta de mercadoria extra deverá aumentar com o início da colheita em Minas Gerais e Goiás, e a intensificação da colheita na Região Sul, pressionando as cotações para baixo, embora elas devam continuar remuneradoras em virtude do quadro apertado de oferta.

Assim, as atenções ficam voltadas para o mês em curso, e muitos formadores de opinião continuam divididos sobre a situação do mercado. Entretanto, a maioria reconhece que haverá perda na safra das águas na Região Sul.

Nas regiões produtoras, os preços se encontram em patamares elevados. Embora os corretores aleguem dificuldades no repasse dos últimos aumentos ao setor varejista, as cotações ainda se sustentam devido, principalmente, à diminuição da oferta da safra paulista e às incertezas em relação ao volume de produção a ser colhido na primeira safra.

Diante da situação favorável de mercado, os produtores provavelmente irão investir na segunda safra. Assim, boa parte dos grãos a serem colhidos na safra das águas será utilizada para o plantio da segunda safra, na resteva do milho e da soja, a partir de janeiro.

Cabe mencionar que em 2020 verificou-se uma procura elevada e atípica em face da pandemia, e grande parte foi destinada para composição e distribuição de cestas básicas por meio de prefeituras, igrejas, governo federal, indústrias, dentre outros. Assim, nem mesmo os altos preços praticados no mercado interferiram na demanda, já que as ações realizadas pelo governo federal, por meio do auxílio emergencial para trabalhadores de baixa renda, foram de suma importância para a manutenção do padrão de consumo.

Em se tratando da balança comercial, a redução nas importações é reflexo, em parte, da forte valorização do dólar frente ao real. Nesse contexto há de se ressaltar que, ainda em 2019, houve uma maior necessidade de importação, vez que as chuvas excessivas registradas no final de maio no Paraná comprometeram cerca de 30 mil toneladas de feijão-comum preto. Em 2020 foram importadas cerca de 120 mil toneladas, isto é, 29,6 mil toneladas a menos que os números registrados em 2019. Já os números de exportações não apresentaram alterações significativas nos anos em questão, apesar dos elevados preços praticados no mercado interno.

Em seu quarto levantamento, para acompanhamento da temporada 2020/21, a Conab estima uma produção de 3,14 milhões de toneladas de feijão, computando as três safras, esse volume representa uma redução de 2,4% em relação à safra 2019/20. Agora, com o fim do auxílio emergencial, menor produção e preços em patamares elevados, a perspectiva é que o consumo interno caia 3,3% na safra 2020/21, retornando ao mesmo patamar da safra 2018/19, que foi de 3,05 milhões de toneladas.

Ao se confirmar a produção e o consumo estimados, os estoques finais da safra 2020/21 se elevariam para 327,7 mil toneladas, ante as 277,5 mil toneladas estimadas para o ciclo 2019/20, aumento de 18,1%. Esse volume é condizente com os patamares históricos da cultura, o que deve contribuir para a manutenção da normalidade do abastecimento para a temporada em curso.

TABELA 7 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15		303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16		198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17		186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
2017/18		302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.050,0	162,4	287,4
2018/19		287,4	3.017,7	149,6	3.454,7	3.050,0	164,0	240,7
2019/20		240,7	3.222,1	120,0	3.582,8	3.150,0	163,0	269,8
2020/21	Dez/20	272,8	3.120,3	100,0	3.493,1	3.050,0	160,0	283,1
	Jan/21	269,8	3.144,2	120,0	3.534,0	3.050,0	164,0	320,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2021.

Estoque de Passagem - feijão: 31 de dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

FEIJÃO-COMUM CORES

A safra 2020/21 está em andamento pelo país, apresentando regiões com os mais variados estádios de desenvolvimento. Em São Paulo, por exemplo, a colheita está praticamente finalizada, gerando um abastecimento importante no mercado, com as primeiras remessas do grão nesta nova temporada.

De modo geral, as lavouras de feijão-comum cores estão em condições consideradas regulares e boas, visto que algumas delas têm enfrentado oscilações climáticas importantes durante o ciclo, especialmente nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste, que passaram por períodos de baixo nível de precipitação e com registro de altas temperaturas, algo que pode acarretar em prejuízos para a cultura e para o rendimento de seus grãos. Atualmente, a projeção é de produção próxima àquela obtida em 2019/20, devendo chegar a 599,9 mil toneladas colhidas (redução de 1,5% em relação à temporada passada).

Em Minas Gerais, o plantio está finalizado, com as lavouras em pleno desenvolvimento. Houve incremento na área semeada em relação ao exercício anterior, alcançando 127,9 mil hectares (aumento de 5,3%). As regiões sul e zona da mata estão em situação mais adiantada no desenvolvimento da cultura, pois apresentaram chuvas no início de outubro, que condicionaram melhor o solo para um cultivo mais precoce. No geral, as lavouras estão em condições entre regulares e boas, com oscilações climáticas importantes, que podem impactar o potencial produtivo da cultura. Atualmente, a estimativa é de 186,9 mil toneladas

colhidas, indicando acréscimo de 4,8% em comparação a 2019/20, especialmente em razão do aumento de área.

Em São Paulo, os 50,1 mil hectares semeados com o feijão-comum cores nesta primeira safra está em fase final de colheita, com previsão de produção próxima a 110 mil toneladas. A região sudoeste do estado concentra a maior parte desse cultivo (majoritariamente irrigado) e, tradicionalmente, antecipa seu plantio para garantir uma oferta do produto em um período de entressafra, obtendo assim preços mais atrativos. Vale registrar a ocorrência de estiagem em parte do ciclo, reduzindo assim o potencial produtivo esperado para a cultura.

No Paraná, o ritmo de plantio foi afetado pelos períodos de estiagem, resultando em uma semeadura bastante escalonada. Dessa forma, as lavouras estão nos mais diversos estádios, desde o desenvolvimento vegetativo até a colheita. Esta última começa a ganhar maior intensidade e chegou aos 30% da área semeada (44,5 mil hectares) ao final de dezembro. A qualidade do produto obtido, até o momento, é muito boa e o rendimento está melhor que o estimado inicialmente, mesmo que o desenvolvimento tenha sido afetado negativamente no começo do ciclo. Ao todo, a expectativa nessa primeira safra é que sejam colhidas 86,6 mil toneladas no estado.

Em Santa Catarina, o aumento nos preços da soja e do milho impactou na destinação de área para a semeadura de feijão nesse período. Com essa maior competição, houve redução de 23,8% na área plantada com feijão-comum cores primeira safra em comparação a 2019/20, ficando em 14,1 mil hectares semeados. Em virtude deste cultivar ser explorado principalmente nas regiões de altitude dos planaltos norte e sul do estado,

além do seu plantio ser considerado mais tardio (acontece principalmente entre novembro e dezembro), a produtividade estimada, apesar da estiagem registrada em alguns pontos do estado, deve apresentar incremento em comparação ao exercício anterior, alcançando 2.244 kg/ha. Dessa forma, a produção esperada está em 31,6 mil toneladas, indicando redução de 4,8% em relação à temporada anterior. As chuvas generalizadas nas últimas quatro semanas têm favorecido as lavouras, que, atualmente se encontram com 14% em fase de germinação, em desenvolvimento vegetativo 63%, em florescimento 14% e em granação 9%.

No Rio Grande do Sul, a semeadura segue sendo realizada, especialmente na região de Campos de Cima da Serra. De modo geral, a estimativa é de manutenção na área plantada (cerca de 10 mil hectares) e a perspectiva para a produção final é de 24 mil toneladas, apontando aumento de 33,3% em comparação a 2019/20, em razão das melhores condições climáticas nesse ciclo, se comparadas ao exercício anterior.

Na Bahia, a semeadura iniciou a partir de novembro de 2020 e tem previsão de se estender até janeiro de 2021, devendo alcançar uma área total de 55,3 mil hectares (estimativa de redução de 6,5% em relação à temporada anterior). As lavouras já implantadas, que correspondem a mais de 75% dessa área estimada, estão entre o desenvolvimento vegetativo e o florescimento, com perspectiva de produção na ordem de 34,8 mil toneladas.

Em Goiás, o manejo do feijão-comum cores nesse período é majoritariamente irrigado, alcançando bons rendimentos médios. Nesta safra, as lavouras estão se desenvolvendo relativamente bem, mesmo

com a escassez de precipitações visualizadas em um primeiro momento. No geral, a cultura apresenta boas condições de desenvolvimento e a perspectiva é que a partir de janeiro sejam colhidas as primeiras áreas. A estimativa é que sejam obtidas cerca de 91,6 mil toneladas.

Outras Unidades da Federação que se destacam na produção do feijão-comum cores na primeira safra e que estão fora do eixo Sudeste-Sul são: Distrito Federal, Pará, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Algumas dessas áreas estão em plena implantação das lavouras, enquanto outras ainda esperam o encerramento do período de vazio sanitário ou, até mesmo, a melhoria das condições climáticas para iniciarem ou intensificarem tal cultivo.

FEIJÃO-COMUM PRETO

A Região Sul é responsável por mais de 91% das áreas previstas para o plantio de feijão-comum preto nesta primeira safra da temporada 2020/21. O Paraná é o grande destaque, com cerca de 105,9 mil hectares destinados ao cultivo do produto neste ciclo. A colheita já foi iniciada no estado, porém, de forma incipiente. A produtividade obtida nessas primeiras lavouras é inferior à expectativa inicial, haja vista que as primeiras áreas semeadas foram prejudicadas pela estiagem.

As lavouras semeadas mais tardiamente apresentam condições mais satisfatórias, uma vez que a escassez hídrica não ocorreu em fase crítica para planta e as chuvas ocorridas deste o final de novembro melhoraram muito as condições das lavouras. Há relatos de lavouras em excelentes condições, motivo pelo qual espera-se que a produtividade melhore no decorrer da colheita. Ressalta-se que a expectativa é que em janeiro de 2021 se concentre mais de 70% da colheita, com previsão de finalização

em fevereiro. No geral, a estimativa é de produção na ordem de 209,3 mil toneladas, sinalizando redução de 7,9% em comparação a 2019/20.

No Rio Grande do Sul serão cerca de 26,8 mil hectares destinados ao cultivo de feijão-comum preto nessa primeira safra. A maior parte das lavouras já está implantada e segue em pleno desenvolvimento, inclusive com avanços mais expressivos nas áreas do oeste, Planalto Médio e Alto Uruguai. As oscilações climáticas visualizadas neste ciclo preocupam os produtores, especialmente em relação à escassez de chuvas nas fases mais críticas da cultura e devem impactar no rendimento médio final. No geral, espera-se uma produção de 28,1 mil toneladas (23,8% menor que em 2019/20).

Em Santa Catarina, a área destinada ao plantio de feijão-comum preto foi inferior àquela registrada no exercício passado, especialmente em razão da maior concorrência de área com o cultivo de graminíferas mais rentáveis, como soja e milho. Ao todo, foram semeados cerca de 16,2 mil hectares, representando redução de 6,9% em relação a 2019/20. Além disso, as oscilações climáticas registradas ao longo do ciclo têm influenciado no potencial produtivo da cultura, que também deve ficar aquém daquele rendimento obtido na safra passada. Dessa forma, a expectativa é de produção na ordem de 32,2 mil toneladas, sendo 13,9% menor que na temporada anterior.

Além da Região Sul, vale ressaltar o cultivo do feijão-comum preto nesse período em Minas Gerais, Espírito Santo, Distrito Federal e Rio de Janeiro, mesmo que em áreas menores..

FEIJÃO-CAUPI

Esse é um tipo de feijão que apresenta rusticidade bastante elevada, especialmente em relação à demanda hídrica, adaptando-se bem às condições de menor disponibilidade de água. Por isso, sua maior representatividade é na Região Nordeste e em áreas com características mais áridas no Centro-Oeste e no Sudeste (particularmente em Mato Grosso e Minas Gerais, respectivamente). De maneira geral, a expectativa é que sejam semeados mais de 387,4 mil hectares com a cultura nesta primeira safra, com estimativa de produção na ordem de 201,1 mil toneladas.

Os maiores destaques nesse período ficam por conta do cultivo no Piauí e na Bahia, que, juntos, devem representar mais de 86% da área estimada para o plantio do feijão-caupi em todo o país. No primeiro estado, deverão ser quase 200 mil hectares destinados à semeadura da cultura. Já no segundo, cerca de 75% dos 137,1 mil hectares estimados já estão efetivamente semeados. O clima no começo do ciclo se apresentou favorável, mas no último mês registrou baixa incidência pluviométrica em alguns pontos, podendo impactar na produtividade final da cultura.

QUADRO 3 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2020/2021											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano					S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
	Centro Norte Baiano						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
	Centro Sul Baiano						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
MT**	Sudeste Mato-grossense				S/E	DV	F	EG/M/C	M/C				
	Norte Mato-grossense				S/E	DV/F	F/EG	M/C	C				
	Leste Goiano				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
GO	Sul Goiano				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Norte Goiano				S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C				
DF	Distrito Federal				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Norte de Minas					S/E	S/E/DV	F/EG	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Oeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Campo das Vertentes				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Zona da Mata				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
SP**	Bauru	PS	S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C	C					
	Assis	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C						
	Itapetininga	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			S/E/DV	E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Metropolitana de Curitiba			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
SC	Oeste Catarinense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Serrana			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense			S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C				

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - parte irrigado .



Foto 2 - Lovoura de feijão em Formosa -GO

Fonte: Conab.



MILHO

ÁREA

18.463,5 mil ha

-0,2%

PRODUTIVIDADE

5.541 kg/ha

+0,1%

PRODUÇÃO

102.313,2 mil t

-0,2%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 10.842,4 mil t

PRODUÇÃO 102.313,2 mil t

IMPORTAÇÕES 1.000 mil t

114.155,6 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 71.827,4 mil t

EXPORTAÇÕES 35.000 mil t

106.827,4 mil t

A semeadura do milho primeira safra, na safra 2020/21, está chegando ao final, cuja área plantada até de 1º de janeiro de 2021 foi de 88,5% da área prevista. O clima prejudicou o plantio e o desenvolvimento das lavouras por todo o país. Em algumas áreas, o clima seco e a baixa umidade nos solos dificultou o cultivo. Em outras, as chuvas ocorreram com intensidade e regularidade maior que o normal.

A estimativa de área plantada indica uma redução de 1,5% para o plantio de primeira safra em comparação ao semeado em 2019/20, atingindo atualmente 4.172 mil hectares. Até este levantamento, as previsões que envolvem o plantio do milho segunda e terceira safras, seguem o raciocínio metodológico próprio da companhia, relacionando dados subjetivos e análises estatísticas dos registros que dispõe na sua base. Assim, as expectativas para a cultura na safra 2020/21 é de uma área total de 18.463,5 mil hectares e uma produção estimada de 102,3 milhões de toneladas.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2020/21, a produção total é de 102,3 milhões de toneladas, um número 0,3% inferior ao divulgado no boletim de novembro. O ajuste se deve às possíveis reduções de produtividade da primeira safra estimado pela Conab devido a adversidades climáticas na Região Sul.

Para os dados de consumo doméstico total, a Conab mantém o número de 68,7 milhões de toneladas de milho consumidas internamente para 2019/20 e 71,8 milhões de toneladas para a safra 2020/21.

Por outro lado, a Conab elevou suas projeções de importação para 1,3 milhão de tonelada na safra 2019/20. Em publicação anterior, foi estimado 1.000 mil toneladas. O ajuste se deve à necessidade de milho para suprir o consumo ao início de 2021 diante de uma menor oferta do cereal disponível para comercialização. Para as importações da safra 2020/21 foi mantida em 1 milhão de toneladas.

Diante dos ajustes realizados, o estoque final esperado na safra 2019/20 deverá ser de 10,8 milhões de toneladas, volume suficiente para atender a demanda por aproximadamente dois meses, a partir de fevereiro de 2021.

Para o estoque final esperado ao fim da safra 2020/21, projetamos um total de 7,3 milhões de toneladas, redução de 32,4% em relação à safra anterior. Esse fato se deve ao contínuo crescimento do consumo interno em contraponto com a nova expectativa de volume a ser produzido em 2020/21 em volume inferior a 0,2% ao observado na safra 2019/20.

TABELA 8 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15		12.158,1	84.672,4	315,4	97.145,9	56.483,3	30.131,3	10.531,3
2015/16		10.531,3	66.530,6	3.336,2	80.398,1	56.319,1	18.847,3	5.231,7
2016/17		5.231,7	97.842,8	952,5	104.027,0	57.337,3	30.813,1	15.876,6
2017/18		15.876,6	80.709,5	900,7	97.486,8	59.162,0	23.742,2	14.582,6
2018/19		14.582,6	100.042,7	1.596,4	116.221,7	64.957,8	41.074,0	10.189,9
2019/20		10.189,9	102.515,0	1.300,0	114.004,9	68.662,5	34.500,0	10.842,4
2020/21	Dez/20	10.642,4	102.589,2	1.000,0	114.231,6	71.827,4	35.000,0	7.404,2
	Jan/21	10.842,4	102.313,2	1.000,0	114.155,6	71.827,4	35.000,0	7.328,2

Nota: Estimativa em janeiro/2021

Estoque de Passagem - Milho: 31 de Janeiro

Fonte: Conab

AVALIAÇÃO POR ESTADO

Na Região Norte/Nordeste, estima-se uma redução de 0,4% na intenção de plantio, ocupando agora uma área de 1.320,6 mil hectares.

Em Tocantins, estima-se redução na área semeada em torno de 6,5%, motivado pelo clima desfavorável (com ausência de chuvas e/ou irregulares). Em algumas regiões, os agricultores optaram pela substituição da cultura pela soja de sequeiro devido à atratividade dos preços. O plantio iniciou-se de forma tímida e a previsão é que esse ritmo se intensifique a partir de janeiro.

No Pará, a expectativa com o plantio é de uma área um pouco menor em comparação com a safra passada, apesar da maior procura por milho pelos criadores, principalmente os avicultores. No entanto, o custeio da safra para milho junto aos agentes financeiros é mais difícil do que para os produtores de soja, que, de certa forma, afastam os produtores da atividade.

No Maranhão, o plantio da primeira safra ocorre em todas as regiões. A operação avança com rapidez na região sul, coincidindo com a finalização do plantio da soja. Grande parte dos produtores familiares utilizarão sementes distribuídas pelo governo estadual, com o plantio ocorrendo a partir da estabilização das chuvas. A semeadura deverá se estender de dezembro ao início de fevereiro de 2021, e a colheita ocorrerá entre março e julho de 2021.

Na Bahia, espera-se forte aumento de 11,2% na área cultivada, estimulada pela elevação das cotações ocorridas nos últimos meses. Os plantios foram iniciados em outubro e se estenderão até maio de 2021, e será colhido durante todo o ano, nas diversas regiões do estado. Grande parte do cultivo é conduzido por pequenos produtores, que destinam a produção para à subsistência e venda nos circuitos curtos de comercialização e também por médios e grandes produtores que destinam a produção ao mercado atacadista e aos granjeiros. Os plantios foram iniciados em outubro e finalizados em dezembro.

A expectativa de boas chuvas e a alta nas cotações estimularam a expansão do cultivo, sendo mais acentuado no centro norte do estado, onde se cultivou mais de 110 mil hectares, atingindo crescimento de 50% em relação ao exercício anterior, competindo com as lavouras de feijão e mamona. A estiagem ocorrida no fim de novembro e início de dezembro atrasou a evolução do plantio, e chegou próximo ao nível de dano nas lavouras. A regularização das chuvas é esperada para que não haja perdas na produtividade.

Na Região Centro-Oeste ocorrerá a maior redução percentual no plantio, com a área cultivada apresentando queda de 26,5% em relação ao plantio da safra anterior, com a intenção de semear 262,7 mil hectares.

Em Mato Grosso, o plantio terminou em dezembro, com registro de incremento de área devido à ocorrência de replantio sobre áreas de soja, principalmente na região médio-norte, ação necessária devido à falta de chuvas. Assim, a área destinada ao cultivo da safra 2020/21 é de aproximadamente 47,6 mil hectares, área 15,5% maior que o registrado no ciclo 2019/20.

Anteriormente, a oferta do cereal era limitada à produção de volumoso para silagem. Todavia, com a entressafra de milho segunda safra e os preços elevados do grão, parte da produção pode ser destinada às usinas de etanol de milho. A esse respeito, já há variedades de sementes específicas para a moagem industrial e melhor obtenção do biocombustível.

Em Mato Grosso do Sul, o milho está semeado, com as últimas áreas terminando a fase germinativa. O desenvolvimento das lavouras semeadas no início do mês segue satisfatório e devem receber a cobertura de adubo nitrogenado nos próximos dias, assim como a primeira dose preventiva de fungicida.

As fases iniciais das lavouras têm recebido atenção com relação ao ataque de percevejos e cigarrinhas. Houve uma readequação na estimativa da área semeada, com redução de 200 hectares, no município de São Gabriel do Oeste e constatação de 800 hectares e 300 hectares nos municípios de Sidrolândia e Bandeirantes, respectivamente.

Em Goiás ocorreu uma forte redução na área plantada em relação à safra passada de 34,5%, estimada agora em 182,1 mil hectares. Isso se deve ao bom momento da soja, à necessidade de rotação de cultura, disponibilidade de armazenagem e, principalmente, pelo fato da cultura

ser priorizada como plantio de segunda safra. A safra de milho primeira safra iniciou as fases reprodutivas, e a estimativa atual é de 30% da área em fase de floração. A cultura é mais suscetível ao estresse hídrico que a soja. Com o retorno das chuvas regulares, as lavouras experimentaram um bom desenvolvimento, especialmente as primeiras áreas semeadas.

Na Região Sudeste, a área plantada está estimada em 1.079,6 mil hectares, representando acréscimo de 0,6% em relação ao ocorrido na safra anterior.

Em Minas Gerais, a área de plantio do milho primeira safra é tradicionalmente inferior à área da segunda safra. Nesta safra a redução da área de plantio também era esperada em razão do aumento das áreas das lavouras de soja. Neste levantamento, observou-se uma reversão da tendência, quando da consolidação dos dados, que mostrou crescimento na área de 1,6% em relação à safra anterior. As operações de plantio foram intensas nas duas primeiras semanas de novembro, tendo sido finalizadas em dezembro.

Em São Paulo, com o encerramento da colheita do feijão primeira safra, avança o plantio do milho, atingindo 90% da área estimada. O índice de vegetação para as culturas de verão apresenta comportamento muito próximo da média dos últimos cinco anos, inclusive nas mesorregiões de Assis e Itapetininga. A área plantada tem reduzido nos últimos anos devido à melhor atratividade de outras lavouras, tais como a soja.

As lavouras já plantadas são aquelas destinadas à produção de milho semente. Outro fato a ser considerado é a extensão do período de plantio do cereal, que contribui para que a janela de plantio da primeira e segunda safras, praticamente se mesquem, havendo a continuidade no plantio.

A área plantada deverá apresentar redução de 1,4% em relação à safra anterior, de 335,1 mil hectares. Desse total, estima-se que 50% do que foi semeado encontra-se germinando e o restante em desenvolvimento vegetativo.

Na Região Sul, a cultura deverá experimentar incremento na área plantada, estimada em 2% com relação à safra passada, atingindo 1.509,1 mil hectares.

No Paraná, o cultivo do milho primeira safra, embora com menor área que o de segunda safra, é praticado com alta tecnologia e elevados investimentos. A quase totalidade da semente é composta por híbridos simples com alto potencial produtivo e com eventos de transgenia. A principal razão para o aumento da área foram os bons preços pagos pelo cereal.

A implantação da cultura se estendeu até novembro e o atraso ocorreu em razão da falta de chuvas mais volumosas, abrangentes e regulares. Com as chuvas mais abundantes nos dois primeiros decêndios de dezembro, as condições para o desenvolvimento do milho melhoraram, em especial para as lavouras mais novas, em fase de desenvolvimento vegetativo.

Em Santa Catarina, a área cultivada está estimada em 341,4 mil hectares, 1,6% maior que a safra anterior. Já foram semeados a totalidade da área, mas em virtude da estiagem, uma parte está sendo ressemeada. No campo, as lavouras encontram-se em 1% em emergência, 27% em desenvolvimento vegetativo, 25% em florescimento, 45% em granação e 2% em maturação.

Na região oeste, a severa estiagem, ocorrida de agosto a outubro, causou perdas elevadas de produtividade em muitas lavouras semeadas para a

produção de grãos, as quais estão sendo colhidas para silagem. Com o retorno das chuvas nas últimas quatro semanas, a expectativa de boa produtividade foi retomada, principalmente para as áreas semeadas em outubro e novembro.

No Rio Grande do Sul, após praticamente três meses com precipitações abaixo do normal, voltou a chover em dezembro, com quantidades próximas ao ideal. Se por um lado não resolve as perdas já concretizadas em grande parte do estado, pelo menos interrompeu as perdas onde a cultura ainda estava em fase de definição do rendimento, particularmente nas localidades onde se cultiva o milho após a colheita do fumo.

Com isso, a semeadura que havia estagnado pela falta de umidade, alcança 90% da área prevista. Os estágios da lavoura apontam para 5% já colhido, 10% em maturação, 50% em enchimento de grãos, 15% em floração e 20% em desenvolvimento vegetativo. A colheita está evoluindo nas regiões Missões, Alto Uruguai, Fronteira Oeste, regiões que também apresentam as maiores perdas pela estiagem ocorrida na primavera. No Planalto Médio, as perdas variam de 40% a 60%, na Central, até o momento, 20%, e no Sul e Campos de Cima da Serra, devido ao calendário de semeadura mais tardio, ainda não há perdas significativas.

MILHO TERCEIRA SAFRA – 2019/20

As estimativas sobre a evolução do milho terceira safra, no período 2019/20, equivalem a uma área plantada de 535,6 mil hectares. Por questões relacionadas à infraestrutura local, a colheita deverá se estender pelo primeiro trimestre de 2021. No momento, espera-se uma produção de

1.772,1 mil toneladas.

Na Bahia, o milho de terceira safra semeado em 2020 teve a colheita finalizada em dezembro, com produção estimada em 693,3 mil toneladas.

Em Sergipe, aproximadamente 85% da área foi colhida, com previsão para encerrar em janeiro de 2021. Muitas áreas que estão sendo colhidas neste momento são de pequenos produtores que não conseguiram alugar colhedoras e não possuem estruturas de armazéns.

A produção está prevista ser uma das maiores dos últimos dez anos, estimada atingir 849,7 mil toneladas, graças ao bom regime de chuvas e ao aumento da tecnologia aplicada. As questões ligadas à ausência de infraestrutura e a ocorrência de chuvas durante a maturação dos grãos contribuíram para o surgimento em algumas áreas de milho ardido, estimando-se entre 10% a 15% das áreas cultivadas.

Em Roraima, o milho foi totalmente colhido, com a produção atingindo 90 mil toneladas, plantadas numa área equivalente a 15 mil hectares.

QUADRO 4 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2020/2021											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
MA	Oeste Maranhense					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Maranhense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PI	Norte Piauiense						S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Norte Baiano					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		continua
	Centro Sul Baiano					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		

MT	Sudeste Mato-grossense				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
GO	Leste Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sul Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
DF	Distrito Federal			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Noroeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Belo Horizonte			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
MG	Oeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Campo das Vertentes			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Zona da Mata			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	São José do Rio Preto			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Ribeirão Preto			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
SP	Bauru			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Campinas			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Itapetininga			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro Ocidental Paranaense	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Norte Central Paranaense	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C				
PR	Oeste Paranaense	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Sudoeste Paranaense	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Metropolitana de Curitiba	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Oeste Catarinense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
SC	Norte Catarinense	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C					
	Serrana	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C					
	Vale do Itajaí	S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C				
	Noroeste Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C			
	Nordeste Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			
RS	Centro Ocidental Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Sudeste Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

UF	Mesorregiões	Milho terceira safra - Safra 2019/2020									
		ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN
PE	Agreste Pernambucano - PE	S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	M/C	C		
SE	Agreste Sergipano - SE	S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	M/C	M/C	C	
BA	Nordeste Baiano - BA	S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	M/C	M/C	C	C

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.



Fonte: Conab.

Foto 4 – Lavoura de milho em Cabeceiras -GO



Fonte: Conab.

Foto 5 – Lavoura de milho em Avaré - SP



Fonte: Conab.



SOJA

ÁREA

38.192,8 mil ha
+3,4%

PRODUTIVIDADE

3.500 kg/ha
+3,6%

PRODUÇÃO

133.692,3 mil t
+7,1%

Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

Com os bons resultados obtidos nas últimas safras, a expectativa para o exercício 2020/21 é de continuação no suporte para a oleaginosa, estimando-se incremento na área plantada de 3,4% em comparação à safra anterior, atingindo 38,2 milhões de hectares semeados.

O plantio, em âmbito nacional, apresentava em 25 de dezembro 97,8% da área prevista. As oscilações climáticas, a partir de outubro, impactaram fortemente o ritmo das operações, observando-se a necessidade de replantios, que, em virtude da forte competição nesta safra, parte foi substituída pelo milho. Com o retorno das chuvas, a expectativa se mantém otimista para o desempenho da safra, respaldada pela forte demanda chinesa e o câmbio favorável.

Com a regularização do clima, é esperada uma produção recorde de 133.692,3 mil toneladas, representando um incremento de 7,1% em relação à safra passada.

OFERTA E DEMANDA

A média dos preços de dezembro de 2020, na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT), foi de US\$ 12,08/bu, 5,69% mais alta que em novembro de 2020 e 32,89% mais alta que em dezembro de 2019. O ano terminou com os preços

internacionais em US\$ 13,15/bu, o maior valor desde julho de 2014.

Essa alta continua motivada pelas compras (importação) chinesas da soja dos Estados Unidos e pelos baixos estoques americanos.

A tendência é que os prêmios de portos continuem dentro dos patamares da média dos cinco anos ao menos até julho.

O mercado nacional deve continuar alavancado os preços internacionais e na dependência da variação do dólar para ter um aumento mais significativo.

A Secretaria de Comércio Exterior (Secex) estima que as exportações de dezembro de 2020 foram de 274,08 mil toneladas, com isso, as exportações do ano de 2020 fecharam em 83,03 milhões de toneladas.

Para a safra brasileira de 2020/21 de soja em grãos foi estimada em um volume de 133,70 milhões de toneladas, do lado do consumo, espera-se que as exportações atinjam um número acima de 85,7 milhões de toneladas, motivadas pela forte demanda chinesa e pelo forte percentual comercializado, até o momento, que já alcança mais de 60% da safra.

A demanda interna, para a safra 2020/21, deverá manter-se aquecida em virtude do crescimento da economia, do aumento da produção de carnes para exportação e da mistura do biodiesel, que passará de B12 para B13, estimada entre 45 milhões e 49 milhões de toneladas.

Dessa forma, os estoques finais de soja deverão manter-se baixos por mais um ano, com isso, preços mais elevados no mercado interno para 2021.

ANÁLISE ESTADUAL

REGIÃO NORTE-NORDESTE

À medida que as condições climáticas vão se normalizando, a semeadura da oleaginosa chega em fase final. O plantio regional está estimado atingir 5.697,7 mil hectares, 4,2% de incremento em relação à área plantada na safra passada.

Em Rondônia, a área de soja de primeira e segunda safras está estimada em 371,4 mil hectares. A semeadura das lavouras de primeira safra, que correspondem a praticamente toda a área plantada, foi finalizada em 15 de dezembro. A da segunda terão início em janeiro, quando os primeiros talhões de soja da primeira safra forem colhidos, estendendo-se até à primeira quinzena de março. Em fevereiro ocorrerá a semeadura de forma maciça, com mais de 50% da cultura sendo estabelecida no mês. A irregularidade das chuvas tem provocado a heterogeneidade das lavouras, estimando-se que 12% se encontram em desenvolvimento vegetativo, 35% em florescimento, 45% em enchimento de grãos, 7% em maturação e 1% apto a colher.

Na Bahia, o crescimento de 5% na área cultivada deve-se à estabilidade do mercado, com a cadeia de comercialização bem estruturada, que garante a demanda e os preços estimulantes. A expansão da área da soja nesta safra se deu sobre áreas novas (expansão agrícola) e também devido à retração no cultivo de algodão. O plantio da soja foi finalizado em dezembro. As lavouras se apresentam na fase de emergência, desenvolvimento vegetativo, florescimento e enchimento de grãos. Há uma grande variabilidade nos estádios fisiológicos devido ao cultivo de variedades

precoces e tardias, bem como a janela de plantio de 90 dias, de outubro até o final de dezembro. As lavouras em fase de enchimento de grãos são irrigadas e devem ser colhidas no início de fevereiro, dando espaço ao cultivo de algodão.

Em Tocantins, o clima em dezembro não foi muito favorável à semeadura, motivo pelo qual em muitas regiões identificou-se áreas com replantios. Apesar disso, as lavouras apresentam bom estado de desenvolvimento, com 90% da área semeada. A expectativa geral é de crescimento da área plantada em torno de 4,4% em razão dos altos investimentos dos agricultores em insumos, sementes e ainda a abertura/expansão de novas áreas.

No Maranhão, a semeadura das lavouras na região sul do estado, sobretudo na região de Balsas, encontra-se finalizada e bem estabelecida, em que pese os veranicos ocorridos em algumas regiões. Na região pertencente ao leste maranhense, o plantio deve iniciar em janeiro de 2021 em virtude das precipitações ocorridas na segunda quinzena de dezembro e que deverá garantir umidade suficiente para semeadura. Nesse levantamento estima-se um aumento da área plantada em torno de 2,5% em relação à safra anterior, com 1.000,8 mil hectares cultivados. A colheita se estenderá de fevereiro a junho de 2021.

No Pará, a estimativa de cultivo da soja apresentou leve decréscimo em comparação à safra 2019/20 em razão da instabilidade climática que vinha causando problemas no plantio, especialmente no sul do estado, em outubro e novembro. Essa região é a segunda maior produtora estadual e, atualmente, toda a área está plantada. Na região de Paragominas, maior produtora do estado, ocorreu muita instabilidade climática. Muitos produtores iniciaram o cultivo e foram obrigados a suspender devido à

falta de chuvas. Esse fenômeno também foi percebido na safra 2019/20 e parte dos produtores tiveram que refazer o plantio. Como a região do polo de Paragominas detém mais de 60% da soja produzida no estado, a continuidade das instabilidades climáticas pode acarretar grandes prejuízos para os números finais da safra.

No Piauí, o plantio da soja iniciou-se na segunda quinzena de outubro, após o encerramento do vazio sanitário e quando a umidade do solo já apresentava níveis apropriados. Para a safra 2020/21, estima-se um aumento médio de 5,8% devido à abertura de novas áreas e migração do milho e algodão para soja. Dessa forma, a área de soja deve alcançar 802,9 mil hectares. No período do levantamento, a cultura já se encontrava com cerca de 85% semeada, número avançado quando comparado à evolução da safra anterior, mas com a operação de plantio paralisada devido à falta de chuvas. Do total semeado, 11% encontra-se em germinação/emergência, 78% em desenvolvimento vegetativo e 11% em floração. As condições das lavouras estão assim distribuídas: 72% em bom estado, 27% regular e 1% ruins.

REGIÃO CENTRO-OESTE

Na principal região produtora do país está previsto ocorrer forte incremento percentual na área plantada, aumento de 3,3% em relação ao plantio passado, atingindo 17,2 milhões de hectares.

Em Mato Grosso, o plantio terminou na segunda quinzena de dezembro, com relatos de replantio, tendo em vista a escassez e má distribuição das chuvas em setembro e outubro, fato que atrasou a dinâmica de plantio da oleaginosa. Estima-se recuo de área semeada de aproximadamente 30 mil

hectares em relação ao levantamento anterior, realizado em novembro.

Essas áreas foram destinadas para outras culturas, a saber: algodão e milho primeira safra. Mesmo assim, há o incremento de 2,7% na área destinada à oleaginosa em relação à safra anterior, saindo de 10.004,1 mil hectares para 10.274,2 mil hectares. O volume acumulado de chuvas continua abaixo do ideal na maior parte do estado, podendo afetar o potencial produtivo da cultura, considerando-se que boa parte das lavouras estão no período de formação de vagens e enchimento de grãos.

Até o fechamento em dezembro, estima-se que 8% das lavouras estaduais estejam em desenvolvimento vegetativo, 13% em floração e 79% em formação de vagens, enchimento de grãos e maturação. Os relatos apontam heterogeneidade na avaliação fitossanitária da lavoura, entre regular/boa/excelente. Os relatos são de que tanto as tradings quanto os produtores rurais apresentam-se cautelosos ao negociar os contratos a termo, tendo em vista a escassez de chuvas, que traz à tona o risco climático, podendo limitar a capacidade de produção e o cumprimento de compromissos contratuais.

Em Mato Grosso do Sul está concluída a semeadura da soja. Aproximadamente 1% da área estadual necessitou de ressemeadura por eventos ligados à seca, principalmente na região norte/nordeste do estado e chuvas torrenciais e com granizo no centro/sul, cujas operações também já foram encerradas. A atenção dos produtores está voltada ao monitoramento e controle de pragas, que têm demandado de 3 a 4 aplicações, inclusive noturnas, para obter eficiência próxima a 75%. Esse número de pulverizações tem reduzido as ocorrências de lagartas e percevejos.

Quanto às doenças, as variações de temperatura e umidade têm possibilitado o aparecimento destas, com algumas localidades relatando o aparecimento de infecções fúngicas, lembrando que, até o momento do levantamento, não foram relatados danos que impactem significativamente as áreas plantadas. Os estágios de desenvolvimento ficam distribuídos nos seguintes percentuais: 1% em germinação (ressemeadura), 48% em desenvolvimento vegetativo, 43% em floração e 8% em formação de vagens/enchimento de grãos.

Em Goiás, a irregularidade das chuvas e casos de estresse hídrico, atingiram a fase vegetativa das lavouras que conseguiram recuperar com um maior volume de chuvas ocorrido em dezembro. Dessa forma, as produtividades mantêm-se próximas às da safra passada e do levantamento anterior. No sul do estado, os plantios ocorreram, na sua maioria, entre os dias 10 e 20 de novembro.

Aproximadamente 70% das lavouras de soja estão na fase de floração. Ocorreram replantios de forma pontual, porém considera-se que o veranico ocorrido na fase inicial foi menos impactante que no atual momento (a maioria das lavouras em fase reprodutiva). O período de estiagem e a alternância entre dias nublados/chuvosos e ensolarados não favorecem o aparecimento de doenças fúngicas, principalmente a ferrugem asiática. No momento em que o levantamento foi realizado (final da primeira quinzena e início da segunda quinzena de dezembro), as condições climáticas apresentavam-se favoráveis às aplicações de adubação de cobertura, bem como ao controle fitossanitário das lavouras. A maior parte das colheitas serão intensificadas em fevereiro (primeira quinzena) devido ao atraso das chuvas.

REGIÃO SUDESTE

Na Região Sudeste, a área plantada com a oleaginosa nesta temporada apresentou o maior incremento percentual, estando previsto para o exercício que se inicia incremento de 8,2% em relação ao exercício passado, atingindo 2.983,9 mil hectares.

Em Minas Gerais, a área de plantio na safra atual é 10,6% superior à anterior, atingindo 1.821,9 mil hectares. A valorização do produto no mercado motivou os produtores a aumentarem as áreas de plantio, avançando sobre cana de açúcar, milho, pastagens e áreas provenientes de recuperação, antes degradadas. O plantio foi finalizado. O ritmo intenso ocorreu em razão da intenção do plantio do milho segunda safra. Há relatos de que o atraso das chuvas gerou uma predileção pelo plantio de variedades de menor ciclo produtivo, de forma a não perder a janela climática da segunda safra.

Apenas os plantios em áreas de pivôs foram iniciados nos primeiros dias de outubro. Já os de sequeiro se estenderam até dezembro. As lavouras se encontram predominantemente em fase de desenvolvimento vegetativo. Estima-se que 10% já entraram em florescimento, e as lavouras em fase de enchimento de grãos não chegam a 1%. As condições climáticas vigentes, juntamente com o monitoramento e controle químico que vêm sendo feitos nas lavouras, concorrem para reduzir o ataque de pragas.

Em São Paulo, com o fim do plantio, as lavouras se apresentam com a seguinte distribuição: 25% em emergência, 40% em desenvolvimento vegetativo e 35% em floração, respaldadas pela boa disponibilidade de água no solo neste período de evolução da cultura. A área plantada deverá crescer 4,7%, estimada em 1.162 mil hectares.

REGIÃO SUL

É esperado um incremento percentual na área plantada de 1,9% em relação ao observado na safra anterior, atingindo 12.315,4 mil hectares. Com a normalização do clima, a região deverá apresentar uma grande produção, comparada à safra passada, severamente afetada pelas condições adversas do clima.

No Paraná, o plantio foi finalizado, com incremento de área em relação à safra anterior, motivado pelo elevado valor da oleaginosa, que avançou sobre áreas de cana-de-açúcar e pastagens. Devido às baixas precipitações em algumas localidades, houve a necessidade de replantio.

As chuvas ocorridas neste mês contribuíram para melhorar as condições das lavouras, aumentando-se a produtividade estimada em relação ao último levantamento. As principais cultivares utilizadas são as de hábito de crescimento indeterminado, o que favorece a retomada do desenvolvimento da soja quando as condições climáticas forem favoráveis, mesmo após um grande período de estresse. O prognóstico climático de longo prazo indica a continuidade do fenômeno La Niña de baixa intensidade, para todo o ciclo da cultura da soja, o que acarretará chuvas ligeiramente abaixo da média climática histórica e altas temperaturas.

Em Santa Catarina, as chuvas das últimas semanas favoreceram o desenvolvimento das lavouras e aumentaram as estimativas de produtividades em 5% em relação à safra passada. O plantio, que estava atrasado aguardando condições climáticas favoráveis, com as últimas chuvas conseguiu retomar o ritmo e já atingiu 96% da área prevista, de 686 mil hectares, 0,8% maior que a safra anterior, gerando uma expectativa de produção de 2.383,9 mil toneladas, 5,8% superior à safra 2019/20.

No Rio Grande do Sul, a ocorrência de precipitações em todo o estado permitiu o avanço da semeadura, que no levantamento anterior era de 50%, atingindo no final de dezembro 98% do total previsto. Com isso, em relação ao ano passado, quando houve a concentração da semeadura em novembro com 65% e dezembro 25%, neste ano, apenas 45% foi semeado em novembro e 48% em dezembro.

Dessa forma, houve praticamente o dobro da área implantada em dezembro, o que reduz, em parte, o potencial produtivo da cultura. A grande variabilidade na distribuição espacial e no volume das precipitações dos últimos dois meses contribuiu para que ocorresse um grande escalonamento da semeadura das áreas, algo não muito corriqueiro na cultura da soja no estado. Assim, enquanto existem áreas no início do desenvolvimento vegetativo, ou mesmo em emergência, cerca de 5% já se encontra em floração. As mais adiantadas estão no centro do Planalto Médio, em que, dependendo do local, verifica-se que de 20 a 30% já floresceram. As lavouras mais atrasadas situam-se no oeste do estado, região mais castigada pela estiagem na primavera. De maneira geral, as lavouras estão boas, apesar das condições desafiadoras impostas pela restrição hídrica. Como a maioria das lavouras estão em fase de desenvolvimento vegetativo, ainda não há comprometimento por falta de umidade. Como muitos produtores acabaram realizando a semeadura “no seco”, aguardando as chuvas, uma pequena parte necessita de ressemeadura, embora isso não deva ser um grande problema nesta safra. A área e expectativa de rendimento foram mantidas, em relação ao levantamento anterior.

QUADRO 5 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
UF	Mesorregiões	Soja - Safra 2020/2021											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense	PS	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C					
PA	Sudeste Paraense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	S/E	E/DV	DV	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PS	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PS	S/E	DV	F	EG/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
GO	Leste Goiano		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		S/E	DV	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			S/E	DV/F	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		S	S/E	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		S/E	E/DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense		E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Catarinense	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Serrana	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
RS	Noroeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.



Foto 6 – Lavoura de soja em Bom Jesus - PI

Fonte: Conab.



Foto 7 – Lavoura de soja em Cabeceiras - GO

Fonte: Conab.



Foto 8 –Mapeamento de soja em Formosa - GO

Fonte: Conab.



Foto 9 – Lavoura de soja em Formosa - GO

Fonte: Conab.

Foto 10 – Lavoura de soja em Palmeira do Piauí - PI



Fonte: Conab.



Foto 11 – Lavouras de soja sob pivô central em Unaí - MG

Fonte: Conab.



Foto 12 - Lavoura de soja em Itapeva - SP

Fonte: Conab.



TRIGO

ÁREA

2.341,5 mil ha

-14,8%

PRODUTIVIDADE

2.663 kg/ha

+5,4%

PRODUÇÃO

6.234,6 mil t

+20,9%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 227,4 mil t

PRODUÇÃO 6.234,6 mil t

IMPORTAÇÕES 6.800 mil t

13.262 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 11.799 mil t

EXPORTAÇÕES 700 mil t

12.499 mil t

A safra de trigo em 2020 está finalizada, com o encerramento da colheita nos quase 2.342 mil hectares destinados ao plantio do cereal no período. Tal área colhida representou aumento de 14,8% em comparação aos 2.040,5 mil hectares utilizados em 2019.

De maneira geral, o rendimento médio foi considerado satisfatório (apesar dos registros de intempéries como geadas na Região Sul e Sudeste, bem como escassez de precipitações nas mesmas regiões e também em algumas localidades no Centro-Oeste), alcançando 2.663 kg/ha e simbolizando incremento de 5,4% em relação ao ano anterior. Dessa forma, a produção foi beneficiada por essas variações positivas na área plantada e na produtividade média, perfazendo assim um volume total de 6.234,6 mil toneladas (acréscimo de 20,9% em comparação à temporada passada).

OFERTA E DEMANDA

Em dezembro de 2020, o mercado doméstico apresentou desvalorização em suas cotações mensais em meio a um cenário de maior oferta interna diante

da finalização dos trabalhos de colheita nos principais estados produtores. Nesse mês, poucos negócios foram firmados, as indústrias encontravam-se abastecidas, preparando-se para os recessos de final de ano. Além desses fatores, contribuiu também a recente queda do dólar. A média do Paraná foi cotada a R\$ 67,58 a saca de 60 quilos, apresentando desvalorização mensal de 11,87%. Já no Rio Grande do Sul, a média mensal foi de R\$ 70,63 a saca de 60 quilos, apresentando desvalorização de 9,58%.

Já no mercado internacional, pelo segundo mês consecutivo, as cotações apresentaram desvalorizações devido à ampla oferta mundial, com perspectivas de aumento de produção de importantes países produtores, como Austrália, Canadá, França e Ucrânia. Contribuíram também para pressionar as cotações o clima favorável ao plantio nos Estados Unidos. A média de dezembro da cotação FOB Golfo foi de US\$ 269,48 por tonelada, apresentando desvalorização mensal de 0,57%.

Foi importada em dezembro de 2020 283,5 mil toneladas, montante muito abaixo da média para o período, que costuma ser em torno de 500 mil toneladas. O baixo volume que ingressou no país se deve, em grande parte, à greve dos trabalhadores portuários na Argentina, que é o principal fornecedor de trigo para o nosso país que, normalmente, nesse período (final de colheita) exporta volume significativo para o Brasil. No mesmo mês, o Brasil exportou 255,3 mil toneladas, após meses sem embarcar trigo para o mercado externo.

Com o encerramento da colheita na principal região produtora (Sul), foram revisados os números referentes à produção no Paraná e Santa Catarina, bem como o de área plantada no país. Com essa alteração, foi reajustado o quantitativo de consumo interno no que se refere ao uso para sementes.

TABELA 9 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

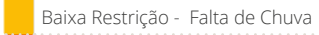
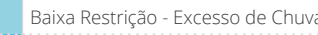
SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014		2.414,1	5.971,1	5.328,9	13.714,1	10.652,2	1.680,5	1.381,4
2015		1.381,4	5.534,9	5.517,6	12.433,9	10.312,7	1.050,5	1.070,7
2016		1.070,7	6.726,8	7.088,5	14.886,0	11.470,5	576,8	2.838,7
2017		2.838,7	4.262,1	6.387,0	13.487,8	11.244,7	206,2	2.036,9
2018		2.036,9	5.427,6	6.753,1	14.217,6	12.435,8	582,9	1.198,9
2019		1.198,9	5.154,7	6.676,7	13.030,3	12.460,6	342,3	227,4
2020	Dez/20	227,4	6.183,0	6.800,0	13.210,4	11.798,7	700,0	711,7
	Jan/21	227,4	6.234,6	6.800,0	13.262,0	11.799,0	700,0	763,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2021.

Estoque de Passagem - Milho: 31 de Julho.

QUADRO 6 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica			
			
			
			

UF	Mesorregiões-	Trigo - Safra 2020									
		MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
SP	Itapetininga		S	DV	F	EG	EG/M	M/C			
PR	Centro Ocidental Paranaense		S	E/DV	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Norte Central Paranaense		S	E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense		S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense			PS	SE/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense		S	E/DV	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense				S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense				S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Oeste Catarinense			S	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
SC	Norte Catarinense			S	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
RS	Serrana			S	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense			S	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense				S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	

Fonte: Conab.

Nota: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.



DEMAIS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

A previsão de área total com a cultura é de aumento de 2,9% em relação à safra anterior, com um total de 165,1 mil hectares, plantados, principalmente, em primeira safra. Há também uma perspectiva de incremento na produção e produtividade, de 0,1% e 3%, respectivamente, em comparação ao ciclo anterior.

Em Minas Gerais, a área de amendoim está estimada em 1,8 mil hectares, motivada pela expectativa de uma ampliação das áreas de plantio de cunho comercial na região do Triângulo Mineiro, com lavouras altamente tecnificadas, plantadas normalmente em novembro. O plantio está em andamento, com uma perspectiva de aumento da produtividade de 14,7% em relação à safra anterior.

No Paraná, a maioria das lavouras são de subsistência, mas há regiões de cultivos de alta tecnologia. A previsão é de uma breve elevação de 15% de área devido ao aumento na demanda pelo produto. A maior parte das lavouras está em desenvolvimento vegetativo, com aproximadamente 10% nas fases reprodutivas. Devido às chuvas abundantes, as condições das lavouras melhoraram e a perspectiva é de incremento de produção de 12,5% em comparação à safra de 2019.

Em São Paulo, maior produtor, o cultivo é conduzido principalmente em rotação com cana-de-açúcar e pastagens. O plantio nessas áreas de renovação de cana proporciona à cultura principal, entre outros benefícios, a baixa incidência de infestação de plantas daninhas, além de deixar

resíduos de nutrientes no solo, contribuindo para amenizar os custos de implantação dos canaviais. O amendoim também é plantado pela sua tolerância a diversas espécies de pragas, contribuindo para diminuir a quantidade dessas infestações nas áreas plantadas. No caso do plantio em rotação com a cana, é importante que as cultivares sejam de ciclo compatível com a duração do período para a implantação do canavial.

O estado paulista concentra também os demais elos da cadeia agroindustrial do amendoim, ou seja, o beneficiamento, a indústria confeitaria e a indústria de óleo vegetal, concentrando-se a maior produção de amendoim na região de Jaboticabal. Os produtores têm procurado investir na cultura nas últimas safras, tendo em vista que grande parte da produção é exportada para países Europeus e, com um dólar em patamares elevados, o retorno financeiro torna-se bastante atrativo neste momento.

MAMONA

A estimativa para a safra 2020/21 é de incremento na área plantada, que deve alcançar cerca de 52,7 mil hectares semeados, apontando acréscimo de 15,8% em comparação a temporada anterior.

O Nordeste é a principal região produtora, com destaque para a Bahia. Estima-se incremento de área para a Região de 16,6% em comparação a 2019/20, e retração na produção, que atualmente está estimada em 34,3 mil toneladas.

Na Bahia, com a chegada das chuvas no final de outubro de 2020, foram realizados os manejos para o plantio de novas áreas e a manutenção das lavouras remanescentes da última safra. A expectativa é de aumento

na área cultivada nesta safra, especialmente pelo bom regime hídrico registrado no início do ciclo.

Atualmente, as operações de plantio já atingiram 88% da área total esperada e devem se estender até o fim de janeiro. As lavouras se apresentam em fase de emergência e desenvolvimento vegetativo.

Em Mato Grosso, cuja área se manteve em 2,1 mil hectares, a produtividade média estimada, até o momento, é de 918 kg/ha, 0,7% maior que os 912 kg/ha observados na temporada passada.



Foto 13 – Amendoim - Pontal -SP

Fonte: Conab.



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL